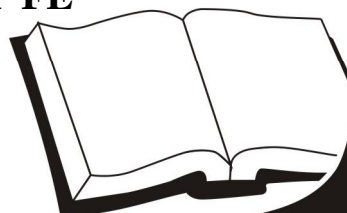


# **DOCTRINA DA SALVAÇÃO**

**JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ**

**Hans K. LaRondelle**

**Brasília – 1982**



**SEMINÁRIO ADVENTISTA  
LATINO-AMERICANO DE TEOLOGIA  
INSTITUTO ADVENTISTA DE ENSINO  
Estrada de Itapecerica da Serra, Km 23  
Santo Amaro – São Paulo**

**ÍNDICE**

<b>Capítulo I: O EVANGELHO ETERNO E A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ .....</b>	<b>3</b>
"O Evangelho Eterno": O Concerto Eterno da Graça .....	3
Inter-relação de Evangelho e Adoração. ....	8
A Adoração de Israel – Uma Religião Revelada .....	9
Cristo Condiciona a Adoração à Revelação e o Novo Nascimento .....	10
Dois Princípios de Adoração: Expição pela Graça ou Justificação pelas Obras ...	12
Fundamentos do Evangelho Apostólico. ....	15
Jesus Cristo, o Senhor Justiça Nossa .....	15
O Cristo Indivisível: A Unidade da Justificação e Santificação .....	18
A Esperança Apocalíptica de Justificação: Uma Proteção contra o Perfeccionismo	25
A Restauração Final da Verdadeira Adoração .....	30
A Restauração do Evangelho Eterno em sua Plenitude .....	30
A Restauração do Sábado como um Sinal da Justificação pela Fé .....	33
Os 144.000 – Frutos da Chuva Serôdia .....	35
O Propósito da Mensagem à Laodicéia. ....	40
<b>Capítulo II: O SIGNIFICADO DECISIVO DA CRUZ .....</b>	<b>42</b>
O Sentido do Propósito Divino .....	44
<b>Capítulo III: A EFICÁCIA DA CRUZ .....</b>	<b>47</b>
A Cruz Proporciona Paz .....	47
Nossa Permanente Necessidade da Cruz .....	49
A Necessidade da Cruz. ....	51
<b>Capítulo IV: A SUFICIÊNCIA COMPLETA DA CRUZ .....</b>	<b>53</b>
A Função Decisiva da Fé .....	57
<b>Capítulo V: PERFIL DA DOCTRINA BÍBLICA DA SALVAÇÃO .....</b>	<b>59</b>
A Esperança Apocalíptica de Glorificação .....	60
União com o Próprio Cristo .....	61
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>64</b>

## O EVANGELHO ETERNO E A JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ

Embora este tema encontre sua base em Apocalipse 14, não pretende ser um estudo exegético desta porção das Escrituras. Pelo contrário, enfatiza a justificação pela fé como a experiência essencial no preparo da Igreja para seu testemunho final no tempo do fim.

### "O Evangelho Eterno": O Concerto Eterno da Graça

É notável que, antes que o anjo de Apocalipse 14:6 pronunciasse sua mensagem "Temei a Deus, e dai-lhe glória. ...", João escreve que este anjo proclama um "evangelho eterno. . . aos que habitam sobre a terra" (Apoc. 14:6). Tudo o que o anjo diz no versículo 7, João o resume antecipando-o no versículo 6 como "o evangelho eterno". Isto qualifica ao primeiro anjo como um anjo evangélico e, conseqüentemente, aos pregadores da Tríplice Mensagem Angélica como essencialmente ministros do Evangelho.

Por que razão as Escrituras caracterizam a mensagem do primeiro anjo, especificamente como um "evangelho eterno (aiõnion)"? A combinação de "evangelho" com "eterno" enfatiza a natureza permanente e divina do evangelho e seu incontestável caráter soberano (cf. **aiõnions** em Heb. 9:14; 13:20; I Tim. 2:10; 1 Pedro 5:10). Esta ênfase parece sugerir que o evangelho divino seria ameaçado por sua distorção ou falsificação nos últimos dias. O perigo de qualquer mudança ou perversão do evangelho de Cristo é visível devido à solene declaração de Paulo, que diz que qualquer que pregar um "evangelho" contrária ao que ele estava pregando, mesmo que este fosse um anjo do Céu ou um apóstolo, seria "anátoma" porque este seria "outro evangelho" (Gál. 1:6,9). Porque razão Paulo foi tão intolerante com respeito a qualquer desvio do seu evangelho da graça? Ele responde:

"Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens (no grego: de acordo com o homem)... mas pela revelação de Jesus Cristo" (Gál. 1:11, 12). No tempo de Paulo, alguns pregadores zelosos pregavam "outro Jesus", "outro evangelho", transmitindo "outro espírito" (II Cor. 11:4).

Na igreja apostólica falsos mestres já estavam introduzindo secretamente "heresias de perdição", as quais prometiam liberdade, porém transformavam em dissolução a graça de nosso Deus, e negavam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo (II Ped. 2:1, 19; Jud. 4). O apóstolo Paulo, aplicando as pregações de Daniel acerca da grande apostasia e a abominação assoladora dentro da igreja de Deus, anuncia:

"Porque eu sei isto, que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho. E que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si" (Atos 20:29, 30).

O primeiro ataque coerente ao evangelho apostólico veio da filosofia religiosa, a qual o perverteu ao fazer distinção entre a corpo e o espírito, Cristo e Jesus, redenção e moralidade, lei e graça. A primeira carta de João contém um ataque definido e está

distorção docética do evangelho, defendendo a unidade essencial da redenção e a moral, da lei e do evangelho, como no exemplo de Cristo o Senhor (I João 2:1-6). Nesta perspectiva histórica, a ênfase é muito significativa na última advertência da mensagem de Deus em relação ao "evangelho eterno". O evangelho do anjo de Apocalipse 14 oferece a restauração completa e final do evangelho apostólico para preparar um povo para o dia do juízo e a gloriosa vinda de Cristo.

Portanto, deveríamos definir o termo "evangelho eterno" (utilizando o livro *Questions on Doctrine*) da seguinte maneira:

"São as mesmas inalteráveis e imutáveis boas novas que Deus tem comunicado ao homem desde que o pecado entrou no mundo, embora percebidas através de diversas épocas com variados graus de clareza e ênfase" (*SDA's Answers Questions on Doctrine*, 1957, p. 613).

Esta definição de "evangelho eterno" de Apocalipse 14 parece implicar especificamente no fato de que a igreja remanescente, que é particularmente a última geração que estará preparada para o tempo anterior ao juízo e à Segunda Vinda de Cristo, não será salva por outro evangelho a não ser o de todas as gerações precedentes desde a queda de Adão. Portanto, não há outro evangelho diferente provido para a salvação dos 144.000, mencionados em Apoc. 14:1-5, os quais são os frutos visíveis da Mensagem dos Três Anjos. São vistos em pé sobre o monte de Sião junto ao Cordeiro, tendo Seu nome e o nome do Pai escritos em suas testas para mostrar a quem pertencem. Eles também "seguem o Cordeiro por onde quer que vai e na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis" (Apoc. 14:4,5). Este caráter, completamente santificado da última geração de homens pecadores, será o glorioso resultado da total restauração do genuíno evangelho apostólico e não de um super evangelho.

Por conseguinte, cada coisa depende da correta compreensão e a experiência desta mensagem em sua plenitude. Isto requer, como é revelado nos quatro evangelhos e nas cartas apostólicas, a consideração de toda a Bíblia, particularmente do Antigo Testamento e o evangelho de Israel como se apresentou em seus divinos concertos, promessas e culto (cf. Rom. 9:4). Os apóstolos testificam que "a nós foram pregadas as boas novas, como a eles (Israel antigo)" (Heb. 4:2), e que, embora os líderes Judeus tenham rejeitado a Jesus de Nazaré como o Cristo da profecia, "em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:12).

Tão logo entrou o pecado no mundo, Deus revelou um Salvador que definitivamente feriria a cabeça da serpente, mas que primeiramente deveria sofrer nesta luta (Gên. 3:15; cf. *DTN*, 189, 190). O plano divino de salvação através de Cristo não foi, portanto, uma atitude posterior, mas preparado como o concerto eterno da graça de Deus antes da queda, antes mesmo da fundação do mundo, para restaurar o homem caído em sua justiça e dignidade original (Efés. 1:4; I Pedro 1:20; Heb. 13:20; *DTN*, 17, 18, 758, 759, 797, 198; *ZBC*, 934). Portanto, em Jesus Cristo, a graciosa escolha de Deus da raça humana pecadora, proveu a fonte e segurança para justificar o homem por meio do fé no Substituto. Consequentemente, desde o início a fé no

prometido Salvador expressa no derramamento de sangue do sacrifício, foi a condição para receber o perdão e justificação à vista de Deus (ver Heb. 11:4; 9:22). Também Abraão recebeu este concerto eterno como o evangelho da graça restauradora centralizada no Filho de Deus (Gên. 12:3; Gál.3:8; *PP*, 384, 385; *6BC*, 1114). Como o Dr. E. Heppenstall tem observado em nossa Conferência Bíblica anterior: "A galáxia dos santos do Antigo Testamento registrada em Hebreus 11 mostra que o homem foi salvo pela fé desde o princípio" ("The Covenants and the Law", em *Our Firm Foundation*, vol. 1, 1953, p. 473).

A verdade evangélica de que o concerto de Deus com os patriarcas, renovado a seguir com o antigo Israel, foi essencialmente um concerto de justificação pela graça e não um concerto de justificação pelas obras da lei, sendo redescoberto pela Reforma no século XVI. João Calvino, claramente explicou por meio das Escrituras que o concerto de Deus com Abraão, Moisés e os doze apóstolos (a igreja) é "realmente um e o mesmo", posto que todos "tiveram e conheceram a Cristo como Mediador" (*Institutes of the Christian Religion* (AD 1559), 11, 10, 2).

Não obstante, ninguém apresentou a unidade dos concertos de Deus do Antigo Testamento e do Novo Testamento, centralizada no evangelho, de maneira profunda e completa, à luz do concerto eterno da graça de Deus, como o fez Ellen G. White no capítulo "A Lei e os Concertos", em seu livro *Patriarcas e Profetas* (1890, 1913), págs. 363-373). Suas conclusões baseadas nas Escrituras estão resumidas nas seguintes citações:

"O concerto da graça foi feito primeiramente com o homem no Éden, quando, depois da queda, foi feita uma promessa divina de que a semente da mulher feriria a cabeça da serpente. A todos os homens este concerto oferecia perdão, e a graça auxiliadora de Deus para a futura obediência mediante a fé em Cristo. Prometia-lhes também vida eterna sob condição de fidelidade para com a lei de Deus. Assim receberam os patriarcas a esperança da salvação." (*PP*, 370).

"Cristo era o fundamento e centro do sistema sacrificial, tanto da era patriarcal como da judaica. . . . Adão, Noé, Abraão, Isaque, Jacó e Moisés compreenderam o evangelho. Esperavam a salvação por meio do Substituto e Fiador do homem." (*PP*, 366).

"A obra de Deus é a mesma em todos os tempos, embora haja graus diversos de desenvolvimento e diferentes manifestações de Seu poder, para satisfazerem as necessidades dos homens nas várias épocas. . . . O Salvador tipificado nos ritos e cerimônias da lei judaica, é precisamente o mesmo que se revela no evangelho. . . . O ensinador é o mesmo em ambas as dispensações. As reivindicações de Deus são as mesmas. Os mesmos são os princípios de Seu governo." (*PP*, 373).

Assim como Moisés e os profetas do Antigo Testamento caracterizaram o concerto da graça de Deus com Abraão e Israel como um "concerto eterno" (Gên.17:7; Jer.32:40; 50:5; Ezeq. 16:60; 37:26; Isa. 24:5; 55:3; 61:8) o qual foi marcado para sempre pela expiação de Cristo na cruz, parece ser justo identificar este concerto eterno basicamente com o "evangelho eterno" da última mensagem de graça e misericórdia gratuita de Deus de Apocalipse 14 (ver Heb. 13:20; *7BC*, 934). Ellen G. White identifica também a Terceira Mensagem Angélica de Apocalipse 14 com o evangelho do apóstolo Paulo no sentido mais completo, quando declara: "Quando este evangelho [de Paulo] for apresentado em sua plenitude aos judeus, muitos aceitarão a

Cristo como o Messias" (AA, 380; cf. Ms. 87, 1907). Instando-nos "na proclamação final do Evangelho" a manifestar "particular interesse no povo judeu que se fala em todas as partes da terra" ela destaca especificamente a única forma eficaz para instruir aos judeus:

"Ao verem o Cristo da dispensação evangélica retratado nas páginas das Escrituras do Antigo Testamento, e perceberem quão claramente o Novo Testamento explica o Antigo, suas adormecidas faculdades despertarão e eles reconhecerão a Cristo como o Salvador do mundo. Muitos receberão a Cristo pela fé como seu Redentor. . . . O Deus de Israel fará que isto suceda em nossos dias." (AA, 381). (Para mais doze súplicas e promessas, ver *Counsels for the Jews from the Writings of Ellen G. White*; Lay Activities Leaflet, N° 29, General Conference of Seventh-day Adventist, 1968).

### Inter-relação de Evangelho e Adoração

O mensageiro angélico insta com todos os habitantes da Terra a adorarem a Deus como seu Criador no temor do Senhor, a fim de dar-Lhe a glória que somente Ele merece (Apoc. 14:7). Quão importante é considerar esta exortação para adorar o Criador não como algo adicional ao evangelho, mas como a verdadeira intenção e propósito do evangelho eterno. O evangelho libera o pecador da escravidão do pecado a fim de deixá-lo livre para o serviço e o louvor de seu Criador e Redentor. Esta é a gloriosa mensagem da restauração do homem à sua perfeição original e de liberdade para adorar a Deus por meio do concerto da graça de Deus. O problema real na grande controvérsia entre Deus e Satanás sempre tem sido quanto a quem nós adoramos. O Diabo sempre desejou veementemente ser adorado, a tal ponto de oferecer todos os reinos do mundo a Cristo se o Filho de Deus Se inclinasse e o adorasse (Mat. 4:9; Luc. 4:7). Mas Jesus, apelando à santa vontade de Deus revelada nas Escrituras, respondeu: "Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás" (Mat. 4:10). A parte das Escrituras à qual Jesus Se referiu, parece ser uma combinação de duas passagens de Moisés:

"Ao Senhor teu Deus temerás, e a ele servirás" (Deut. 6:13); e "Porque te não inclinarás diante de outro deus; pois o nome do Senhor é Zeloso, Deus zeloso é ele" (Êxo. 34:14).

Estas passagens de Moisés e o apelo de Jesus para enfrentar a tentação de Satanás levam-nos a focalizar especificamente a adoração como uma assunto decisiva à vista de Deus e Satanás. Portanto, a Mensagem do Terceiro Anjo encerra o conflito perene sobre a adoração na história da redenção, quando admoesta solenemente a cada indivíduo contra a adoração da besta e a sua imagem (Apoc, 14:9).

Tanto Deus como Satanás considerarão este chamado e prova de adoração de ordem apocalíptica-universal como algo de fundamental importância e seriedade. Enquanto Satanás procurará fazer a imagem falar e matar a todos os que não a adorem (Apoc. 13:5 ú.p.), Deus proclamará que todo aquele que "adora a besta, e a sua imagem" (Apoc. 14:9), receberá irrevogavelmente o cálice da ira "pura" de Deus que é o tormento das sete últimas pragas (Apoc.14:10, 11; 15:1, 7). Como ambos, Deus e Satanás enviam Seus três anjos ao mundo habitado, ninguém poderá permanecer

neutro ou ignorar a hora final da decisão (Apoc. 16:13, 14; 14:6, 8). O mundo inteiro se voltará para o monte Carmelo, cada um sendo convocado pelo Elias dos últimos dias, para escolher ficar a favor ou contra o verdadeiro e vivente Deus de Israel (Mal. 4:5; I Reis 18:21). O destino eterno, portanto depende tanto da correta compreensão como da verdadeira resposta a uma adoração tal que seja aceitável à vista de Deus.

### **A Adoração de Israel – Uma Religião Revelada**

A fim de preservar a verdadeira adoração ao Criador e Redentor, Deus escolheu a Israel e o Monte Sião na antiga dispensação como um testemunho para as nações gentílicas: "Porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos" (Isa. 56:7 ú.p.). Isaías, o profeta evangélico, testifica que a salvação do Deus de Israel é oferecida a todos os povos em seu templo: "Olhai para mim, e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro" (Isa. 45:22). Entretanto, a salvação de Israel e de "todos os termos da terra" não está baseada nos sentimentos do homem para consigo mesmo, para sua própria felicidade, mas em primeiro lugar, em sua adoração ao único "Deus justo e Salvador" (Isa. 45:21), como explica Isaías na passagem seguinte:

"Por mim mesmo tenho jurado; saiu da minha boca a palavra de justiça, e não tornará atrás: que diante de mim se dobrará todo o joelho, e por Tim jurara toda a língua" (Isa. 45:23).

Conseqüentemente, na mensagem de Isaías, o evangelho e a adoração não são duas mensagens diferentes ou independentes, conectadas entre si, mas reveladas como uma unidade fundamental e indissolúvel. O Salvador de Israel e do mundo espera uma adoração agradecida e leal. Evidentemente, não existe um evangelho que não nos leve à adoração! O evangelho do Antigo Testamento é teocêntrico por excelência e foi dado para restaurar a Deus no centro da vida e do louvor do homem.

"Ao Senhor teu Deus temerás, a ele servirás, e a ele te chegarás, e pelo seu nome jurarás. Ele é o teu louvor" (Deut. 10:20, 21 p.p.).

Tão centralizado era o louvor e gratidão a Deus na adoração de Israel, que eles possuíam um livro completo de 150 salmos para cantar no templo suas doxologias e súplicas a seu bondoso e Santo Deus. O Santo de Israel, "o que habitas entre os louvores de Israel" (Sal. 22:3) não Se contentava até que todos os limites da terra se lembrassem e se convertessem ao Senhor, e todas as gerações das nações adorassem perante a Sua face (Sal. 22:27; 86:9).

### **Cristo Condiciona a Adoração à Revelação e o Novo Nascimento**

Cristo também viu a salvação (evangelho) e a adoração em íntima união, quando disse à mulher Samaritana: "Nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus" (João 4:22). Jesus fez a distinção entre "adoração" e "salvação" indicando uma certa ordem de relação. Em harmonia com a ordem do capítulo 45 de Isaías, as palavras de Jesus implicam no fato de que a verdadeira adoração está condicionada e

motivada pela salvação. Enquanto a mulher de Samaria tinha problemas com as formas cerimoniais de adoração, fosse esta no templo ou no monte – ou noutra templo ou monte o lugar correto de adoração (João 4:20), Jesus referiu-Se ao coração e a raiz da verdadeira adoração dizendo: "Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (João 4:23, 24). Jesus quer significar que a adoração aceitável não deve ser somente uma adoração moralmente sincera e verdadeira do coração do adorador. Ele, especialmente, deseja expressar que o adorador somente pode se comunicar com o Céu se está na verdade e tem o Espírito de Deus, ambas as coisas que a divindade revelou ao homem, e particularmente a Israel.

Ellen G. White faz um comentário sobre estas importantes palavras de Jesus:

"A religião que vem de Deus é a única que leva a Ele. Para O servirmos devidamente, é mister nascermos do divino Espírito. Isso purificará o coração e renovará a mente, dando-nos nova capacidade para conhecer e amar a Deus. Comunicar-nos-á voluntária obediência a todos os Seus reclamos. Esse é o verdadeiro culto." (*DTN*, 189).

Para Cristo Jesus, a adoração de maneira contraditória e com um espírito em oposição à revelação dada por Deus a Israel, conforme demonstrou à mulher Samaritana, é adoração "que não sabemos" (João 4:22). Certamente, o povo "escolhido" sabe que a adoração é aceitável a Deus e agradável à sua vista, não meramente porque conhece a revelação de Deus da verdadeira forma de adoração (através de Moisés e da ✨□□☪️), mas também porque eles experimentaram a salvação a qual é oferecida ao coração segundo o caminho ordenado por Deus. A criação própria de adoração ou alguma forma inspirada em outra fonte que não seja o Deus de Israel não pode manter comunicação com o Céu ou oferecer salvação da escravidão do pecado. A adoração matizada pelo temor, algumas vezes ainda tem dado lugar e alentado a idéia de que a ira de Deus pode ser apaziguada e Sua aprovação pode ser obtida por meio de rituais e sacrifícios humanos.

### **Somente Dois Princípios de Adoração: Expição pela Graça ou Justificação pelas Obras**

Com base na autoridade messiânica de Jesus, é de vital importância para cada pessoa buscar a verdade revelada sobre a adoração a experimentar Seu Espírito salvador e santificador. Desde que Deus prometeu no Paraíso a vinda de um Salvador (Gên. 3:15), a adoração foi ordenada a fim de expressar fé no Salvador vindouro, em Sua expiação justa e substitutiva pelo derramamento de sangue do animal. Isto se tornou claro à luz do testemunho no Novo Testamento quando testifica que na adoração de Israel "sem derramamento de sangue não há remissão" (Heb. 9:22 ú.p.).

Para prevenir a falsa idéia de confiar na existência de alguma virtude expiatória própria no sangue do animal, Deus explicou, através de Moisés, o seguinte: "Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida." (Lev. 17:11).



Israel não ofereceu o sangue sacrificial a Deus, mas o Senhor o deu a eles. Os adoradores de Israel aceitavam dessa maneira o sacrifício e a mediação do Cordeiro provido por Deus, reconhecendo o justo clamor da Santa Lei de Deus a seus próprios pecados.

As Escrituras, portanto, indicam que a diferença básica entre o sacrifício de Abel e o de Caim não foi a forma externa de adoração em si mesma (Gên. 4:3, 4), mas "pela fé Abel ofereceu a Deus maior sacrifício do que Caim" (Heb. 11:4). Que tipo de fé era expressa na oferta de Abel? Hebreus 11:1 o indica: "Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem". Esta definição pressupõe uma promessa especial de salvação por meio da revelação divina e como a confiança na vinda do Salvador deveria ser expressa na adoração.

Ellen G. White explica com maior clareza a experiência de Caim e Abel dizendo: "Estavam cientes da providência tomada para a salvação do homem, e compreendiam o sistema de ofertas que Deus ordenara. Sabiam que nessas ofertas deveriam exprimir fé no Salvador a quem tais ofertas tipificavam". (*PP*, 71),

Conseqüentemente, a fé no Salvador e a forma de adoração estavam inseparavelmente unidas na ordem de Deus. Primeiramente é necessário fé nas promessas reveladas e a seguir obediência à forma ritual de adoração indicada por Deus para expressar verdadeira fé na justiça salvadora de Deus. Esta ordem é clara em Gênesis 4: "E atentou o SENHOR para Abel e para a sua oferta, mas para Caim e para a sua oferta não atentou" (vs. 4, 5). Em primeiro lugar Deus olhou para o coração dos adoradores, e depois olhou também para as suas ofertas, a fim de ver se correspondiam à forma divinamente prescrita ou à direção de uma adoração auto-criada, própria.

Sobre a adoração de Caim, a Sra. White escreveu:

"Sua dádiva não exprimia arrependimento de pecado. . . . Preferiu a conduta de dependência própria. Viria com seus próprios méritos. Não traria o cordeiro, nem misturaria seu sangue com a oferta, mas apresentaria seus frutos, produtos de seu trabalho. Apresentou sua oferta como um favor feito a Deus, pelo qual esperava obter a aprovação divina. Caim obedeceu ao construir um altar, obedeceu ao trazer um sacrifício, prestou, porém, apenas uma obediência parcial. A parte essencial, o reconhecimento da necessidade de um Redentor, ficou excluída." (*PP*, 72).

Com esta luz percebe-se claramente que a fé salvadora e a forma de adoração são uma unidade inseparável à vista de Deus, sendo ambas um dom do Criador e Redentor. A aceitação da salvação provida em Cristo, exige uma obediência completa para com a vontade revelada de Deus, renunciando toda dependência de si mesmo e a justificação pelas obras.

A única adoração aceitável a Deus é a adoração que vem de Deus. "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas." (Lucas 16:13). O princípio de uma antítese fundamental e de uma arraigada intolerância entre a verdadeira e a falsa adoração, é dramaticamente representada em Caim e Abel, ilustrando o problema real no grande conflito entre o bem e o mal, entre a fé e a infidelidade, entre os verdadeiros e os falsos adoradores.

"Caim e Abel representam duas classes que existirão no mundo até o final do tempo. Uma dessas classes se prevalece do sacrifício indicado para o pecado; a outra arrisca-se a confiar em seus próprios méritos; o sacrifício desta é destituído da virtude da mediação divina, e assim não é apto para levar o homem ao favor de Deus." (*PP*, 72 e 73).

A seriedade da obediência sincera à adoração revelada por Israel, surge notavelmente da lei mosaica onde cada intento de abandonar a lealdade a Jeová, o Deus de Israel, por um deus estranho, era considerado como alta traição e, portanto, castigado com a morte (ver Deut. 13). Deus requeria dedicação total e clamava por um culto de adoração exclusivo por parte de Israel. "Não terás outros deuses diante de mim" (Êxo. 20:3). Por que? Porque somente Ele "te tirou do Egito, da casa da servidão" (Êxo. 20:2; cf. Deut. 13:5, 10).

Uma vez mais se torna claro que a redenção plena e livre, fundamenta e motiva a exclusiva súplica de Deus com respeito à adoração de Seu povo. Nenhum outro deus havia manifestado seu poder criador e redentor para com Israel como Jeová; conseqüentemente, nenhum outro deus tinha direito à adoração de Israel. Qualquer compromisso religioso de Israel para com os cultos pagãos significaria infidelidade e apostasia, ocasionando a maldição de Deus.

Vozes de severa censura e repreensão foram levantadas por Deus através de Elias, Natã e João Batista, com mensagens que levavam o povo de Deus a uma decidida reforma e reavivamento para uma nova dedicação a Deus através de um genuíno arrependimento. Enquanto a falsa religião, que é o desconhecimento dos mandamentos de Deus, sempre ocasionou a perseguição aos verdadeiros adoradores, o amor e a compaixão para com os semelhantes foi o sinal distintivo daqueles que adoram a Deus em Espírito e em verdade (Osé. 6:6; Tiago 1:27; I João 3:10-18). Aqui nos é dada uma admirável fórmula para distinguir entre a verdadeira e a falsa religião (cf. *BS*, 37).

O profeta Isaías explicitamente combina uma dupla reforma em sua profecia do grande reavivamento que anunciara o glorioso Reino de Deus: A restauração do santo Sábado de Jeová na adoração de Israel e a compaixão pela humanidade sofredora (Isa. 58). Esta predição com sua dimensão escatológica, enfatiza completamente a unidade da adoração e do evangelho em ação. Além disso, a carta de Tiago realça a necessidade de uma fé que opera por amor (Tia. 2:14-17), a qual leva a Sra. White a declarar: "A união da obra cristã para o corpo e obra cristã para a alma é a verdadeira interpretação do evangelho" (*BS*, 32, 33).

## FUNDAMENTOS DO EVANGELHO APOSTÓLICO

### Jesus Cristo, o Senhor Justiça Nossa

Quais são os fundamentos, os elementos constitutivos do evangelho apostólico e eterno? Em que sentido adoramos a Deus e Lhe oferecemos louvor e glória de acordo com a evangelho apostólico? Qual é o meio de salvação do antigo concerto cumprido

pelo povo, confirmado e continuado no novo concerto de Jesus Cristo com Seus discípulos? E em que sentido é o culto de Israel interrompido e abolido pelo evangelho?

Jesus de Nazaré inaugurou em Si mesmo a mensagem do reino Messiânico prometido no Antigo Testamento, e Seus sofrimentos como o Servo-Messias de Isaías 53 encontram seu cumprimento em Sua própria vida e morte substitutiva.

"Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura [Isa. 61:1-22] que acabais de ouvir." (Luc. 4:21).

"Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho." (Mar. 1:14, 15).

". . . E eis aqui está quem é maior do que Jonas. . . . E eis aqui está quem é maior do que Salomão." "aqui está quem é maior que o templo." (Mat. 12:41, 42, 6).

"Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? . . . Se Davi [em Sal. 110:1], pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?" (Mat. 22:42, 45).

"Então, lhes disse: Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos." (Mar. 14:24; Mat. 26:28 "para remissão dos pecados").

"Então, lhes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras." (Luc. 24:25-27).

As primeiros confissões do credo da igreja cristã primitiva como se encontra no Novo Testamento, testificam que ò fé cristã estava centralizada na fé em Cristo.

- Jesus é o Senhor (I Cor. 12:3; Rom. 10:9).
- Jesus é o Cristo (I João 2:22).
- Jesus é o Filho de Deus (Atos 8:37).
- Jesus Cristo veio em carne (I João 4:2).

Embora o Antigo Testamento não apresente uma fórmula uniforme da fé cristã, as diferentes fórmulas de fé mostram que o centro de gravidade é a constante proclamação de que Jesus de Nazaré é o Cristo, o Messias prometido de Israel e que presentemente Ele está reinando como Senhor Soberano (Efés. 1:20-23).

O apóstolo Paulo distingue dois aspectos definidos do Senhor Jesus, os quais são os componentes do Filho de Deus. Ele declara que o Filho de Deus:

- a) descendeu da linhagem de Davi segundo a carne (**kata sarka**) –Rom. 1:3;
- b) foi declarado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito (**kata pneuma**) de santidade pela ressurreição dos mortos – Rom. 1:4.

Paulo reconhece que Cristo, como Filho de Deus, descendeu em carne humana e logo ascendeu com poder a Senhor, desde Sua ressurreição. Em Fil. 2:6-11, Paulo explica de maneira mais ampla este progresso histórico e redentor na obra de Cristo, de reconciliar o mundo com o Pai. Nesta profunda descrição da preexistência do Filho de Deus que "aniquilou-se a si mesmo" (v. 7)

"Sua divindade ocultou-se na humanidade . . . Sua grandeza e majestade ocultas" (*DTN*, 23) – que "humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz" (v. 8), Paulo revela como, através de Cristo, o caráter de Deus é revelado como

um amor santo e abnegado. A misericórdia e a justiça são ambas reivindicadas. Portanto, a obra redentora de Cristo tem implicações cósmicas. "Por meio da obra redentora de Cristo, o governo de Deus fica justificado." (DTN, 26). Não é de se maravilhar que Paulo culmine esta interpretação Cristológica do Servo Justo com uma suplicante doxologia para com o Pai e o Filho.

"Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai." (Fil. 2:9-11).

Aqui se torna evidente que o grande objetivo do plano de salvação de Deus – "Diante de mim se dobrará todo joelho, e jurará toda língua." (Isa. 45:23 ú.p.) – será cumprido na exaltação de Jesus Cristo como o Senhor, "para glória de Deus Pai." (Fil. 2:11 ú.p.).

Para o antigo Rabino que encontrava sua glória e justificação nas obras da lei, a salvação veio quando encontrou em Jesus sua única justificação diante de Deus. O apóstolo de Cristo, um homem com o coração transformado, confessou: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gál. 6:14 p.p.; I Cor. 2:2). O enfoque central da mensagem evangélica de Paulo a respeito da cruz de Cristo, como o cumprimento de Isa. 53, pode ser visto em suas resumidas palavras: "Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (II Cor. 2:21).

Por meio de Seus sofrimentos e morte substitutiva, Jesus Cristo tornou-Se o "SENHOR, Justiça nossa" (Jer. 23:6). Portanto, nossa salvação já não é mais expressa nas formas de culto da antiga lei cerimonial e a prefiguração do sangue do sacrifício (Heb. 10:1, 5-10), mas no oferecimento de "sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo" (I Ped. 2:5 ú.p.); um "sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome" (Heb. 13:15). O apóstolo Paulo faz um resumo dizendo: "A saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo" (Rom. 10:9). Ellen G. White confirma esta passagem evangélica de plena salvação em Cristo quando declara: "A justiça de Deus acha-se concretizada em Cristo. Recebemos a justiça recebendo-O a Ele" (aplicação de Isa. 54:17; Jer.23:6)" (MDC, 23).

### **O Cristo Indivisível: A Unidade da Justificação e Santificação**

Não somos chamados a nos concentrar sobre um estudo escolástico das duas naturezas de Cristo (a fim de determinar precisamente onde termina a natureza divina e onde inicia a natureza humana), mas a respeito da Pessoa vivente de Jesus Cristo e Seus benefícios para conosco. Recebemos a justificação recebendo-O a Ele (MDC, 23). De acordo com as Escrituras, a justificação de Deus possui dois aspectos inseparáveis: O aspecto judicial e o de poder dinâmico.

Quão significativo é o fato de que Paulo, que desenvolveu de forma tão benéfica a justiça imputada de Deus por meio da fé em Cristo, registrou também um dos mais

extraordinários hinos de amor já escritos – I Coríntios 13. Em sua mais veemente epístola contra o legalismo judaico (Gálatas), Paulo, com firmeza, protege também poderosamente a unidade intrínseca de Cristo de fé e amor por nós e em nós.

Aos cristãos da Galácia o apóstolo afirma a verdade evangélica: "que o homem não é justificado pelas obras da lei", mas somente "pela fé em Jesus Cristo" (Gál. 2:16; com um apelo de Sal. 143:2). Embora, tendo declarado que a justificação vem pela fé, sem as obras da lei, ele protege imediatamente esta verdade do conceito mal-entendido de uma mera justificação extrínseca, explicando que na justificação seu "Eu" foi crucificado com Cristo. Portanto, "vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim" (Gál. 2:20; Efés. 3:17).

Outra vez, testificando que "separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei" (Gál. 5:4), o apóstolo imediatamente explica que a fé em Cristo não permanece só, mas será "a fé que opera por amor" (Gál. 5:6).

Devemos, aqui, nos proteger contra a síntese medieval de "fé" e "amor", a qual foi desmascarada pela Reforma como uma distorção escolástica do evangelho. A fé era considerada como um mero assentimento intelectual voluntário às doutrinas da igreja ou a fatos históricos da Bíblia relativos à redenção. Uma fé assim, tão intelectualizada, supunha ser complementada pelo princípio do amor e as boas obras, de tal modo que o amor era o que oferecia à fé sua substância e conteúdo. Neste esquema romano, a "fé" sozinha, obviamente, não é suficiente para a justificação, santificação e redenção. Os reformadores rejeitaram, unanimemente, esta síntese medieval das duas etapas da fé, a primeira sem amor, e a seguir uma segunda, plena de amor através da infusão do graça sacramental. Eles restauraram a natureza religiosa da fé, como: O ceder voluntário do coração ao poder de atração do Espírito Santo por meio da pregação de Cristo; como a confiança sincera nas promessas de Deus, como a aceitação de Cristo (Rom. 10:17; João 6:44; 12:32). Em resumo, para eles, a "fé" somente merecia ter esse nome se fosse uma fé salvadora, uma fé que unia o coração a Cristo (Rom. 10:9).

Para os reformadores, a fé sempre é fé em Cristo, o Cristo vivente das Escrituras e, portanto, a fé é sempre ativa em amor. As boas-novas de verdadeira obediência fluem espontaneamente da fé. Sem fé, o amor estaria saturado de egoísmo.

A justificação e a santificação são apenas uma porque o homem não é justificado pela fé e obras (o amor acrescentado à fé), mas pela fé que opera. Lutero oferece uma clássica apresentação da unidade da fé e o amor em seu sermão sobre "a evangelho dos dez leprosos" no ano de 1521:

"Agora, a fé e o amor são a essência total de um homem cristão, como tenho dito freqüentemente. A fé recebe, o amor dá. A fé leva o homem a Deus, o amor leva Deus ao homem. Por meio da fé, a homem pode fazer o bem perante Deus, por amor ele faz o bem perante o homem. O homem crê, recebe todas as coisas de Deus e é abençoado e enriquecido. Portanto, ele não necessita de nada no futuro; ao contrário, qualquer que seja sua maneira de viver ou atuar, o que ele faz para o bem-estar e prosperidade de seus semelhantes, o faz por amor, como Deus tem feito por ele mediante a fé. Deste modo, ele recebe bens de cima por meio da fé e oferece o bem sobre a terra mediante o amor" (ver especialmente a negligência de Lutero em *Treatise on Good Works* of 1520 [*Selected*

*Writing of Martin Luther*. Ed. T. G. Tappert. Philadelphia: Fortress Press, 1967. vol. I, pp. 97-196]).

Calvino também enfatizou que a fé que salva une a alma com Cristo e Sua graça. Se Cristo permanecesse fora de nós, estaríamos separados dEle e "tudo o que Ele sofreu e fez pela salvação da raça humana seria inútil e sem valor para nós. Portanto, para compartilhar conosco o que Ele receberá do Pai, necessita ser nosso e habitar em nós" (*Institutes of the Christian Religion*, III, I, 1. "Library of Christian Classics", vol. XX, p. 537. Philadelphia: The Westminster Press, 1964, fourth printing).

Por conseguinte Calvino diz:

". . . nós não sonhamos nem com uma fé desprovida de boas obras nem tampouco com uma justificação sem elas. . . Por que, então, somos justificados pela fé? Porque por meio da fé alcançamos a justiça de Cristo, pela qual somos reconciliados com Deus. Entretanto, não alcançaríamos isto sem obtermos ao mesmo tempo a santificação. 'O qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção' [I Cor. 1:30]. Portanto, Cristo não justifica a quem ao mesmo tempo não santifica. Estes benefícios estão unidos por um vínculo eterno e indissolúvel, de tal modo que aqueles a quem Ele ilumina com Sua sabedoria, também redime; aos que Ele redime, justifica; aos que justifica, santifica.

"Sendo que o problema se relaciona somente com justificação e santificação, situemo-nos sobre isto. Embora possamos distingui-los, Cristo mantém a ambos inseparáveis em si mesmo. Desejamos, nós, obter santificação em Cristo? Necessitamos, então, primeiramente ter a Cristo, mas não podemos tê-Lo sem ser participantes de Sua santificação, pois Ele não pode ser dividido em partes [I Cor. 1:13]. Então, desde que unicamente tendo a Cristo em nós é que recebemos estes benefícios para desfrutá-los, Ele nos outorga a ambos ao mesmo tempo, nunca um sem o outro. Consequentemente, podemos claramente ver quão verdadeiro é o fato de que não somos justificados sem as obras, tampouco por meio destas, pois ao ter parte com Cristo, o qual nos justifica, somos tão santificados como justificados" (*Institutes*, III, 16, 1)

Ellen G. White, em harmonia com Lutero e Calvino, descreveu a fé salvadora como a confiante segurança na expiação do sacrifício do Filho de Deus e a experiência crescente do coração no poder salvador de Cristo.

"O pecador só pode ser justificado mediante a fé no sacrifício expiatório feito pelo amado Filho de Deus, que Se tornou um sacrifício pelos pecados do mundo culpado. Ninguém pode ser justificado por quaisquer obras próprias. Só pode ser liberto da culpa do pecado, da condenação da lei, da pena da transgressão, pela virtude do sofrimento, morte e ressurreição de Cristo. A fé é a condição única de obter a justificação, e a fé abrange não só a crença mas também a confiança.

"Muitos possuem uma fé nominal em Cristo, mas nada sabem da vital confiança nEle, a qual se apropria dos méritos de um Salvador crucificado e ressurreto. Dessa fé nominal diz Tiago: 'Tu crês que há um só Deus; fazes bem. Também os demônios o crêem, e estremecem. Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta?' S. Tia. 2: 19 e 20. Muitos concordam que Jesus Cristo seja o Salvador do mundo, mas ao mesmo tempo se conservam afastados dEle, e deixam de arrepender-se de seus pecados, e de aceitar a Jesus como seu Salvador pessoal. Sua fé é apenas o assentimento da mente e do juízo à verdade; mas esta não é introduzida no coração, para santificar a alma e transformar o caráter. . .

"O chamado e a justificação não são a mesma coisa. O chamado é o atrair do pecador para Cristo, e é a operação do Espírito Santo no coração, convencendo do pecado e convidando ao arrependimento.

"Muitos se acham confundidos quanto ao que constitui os primeiros passos na obra da salvação. O arrependimento é considerado uma obra que o pecador deve realizar por si mesmo, a fim de poder chegar a Cristo. Pensam que o pecador deve por si mesmo conseguir a habilitação para obter a bênção da graça de Deus. Mas, conquanto seja verdade que o arrependimento deve preceder o perdão, pois é unicamente o coração quebrantado e contrito que é aceitável a Deus, o pecador não pode produzir em si o arrependimento, ou preparar-se para ir a Cristo. A menos que o pecador se arrependa, não pode ele ser perdoado. . . .

"Homem algum pode de si mesmo arrepender-se, tornando-se digno da bênção da justificação. O Senhor Jesus está constantemente procurando impressionar o espírito do pecador e atraí-lo a fim de que O contemple, como Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Não podemos dar um passo rumo da vida espiritual, a não ser que Jesus atraia e fortaleça a alma, e nos leve a experimentar aquele arrependimento do qual não há arrepender-se.

"A fé que é para salvação não é uma fé casual, não é o mero assentimento do intelecto, é a crença arraigada no coração, que abraça a Cristo como Salvador pessoal, com a certeza de que Ele pode salvar perfeitamente aos que por Ele se chegam a Deus. Crer que Ele salve a outros, mas não vos salvará a vós, não é fé genuína; mas quando a alma se apoia em Cristo como a única esperança de salvação, então se manifesta fé genuína. Esta fé leva seu possuidor a colocar em Cristo todas as afeições da alma; seu entendimento fica sob o controle do Espírito Santo, e seu caráter é moldado segundo a semelhança divina. Sua fé não é uma fé morta mas sim que opera por amor, e o leva a contemplar a formosura de Cristo, e a tornar-se semelhante ao caráter divino. . . .

"É Deus quem circuncida o coração. Toda obra é do Senhor, de princípio ao fim. Pode dizer o pecador, a perecer: 'Sou um pecador perdido; mas Cristo veio buscar e salvar o que se havia perdido. Diz Ele: Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores. S. Mar. 2:17. Sou pecador, e Ele morreu na cruz do Calvário para me salvar. Ele morreu e ressurgiu para minha justificação, e me salvará agora. Aceito o perdão que prometeu."

"Devemos crer com o coração para justiça, e com a boca fazer confissão para salvação. Os que são justificados pela fé, confessarão a Cristo. 'Quem ouve a Minha palavra, e crê nAquele que Me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida'. S. João 5:24." (*ME*, 1, 389-392).

Existem dois erros que ameaçam nossa compreensão da relação bíblica entre a justificação e a santificação. Um deles é a separação das duas, o qual ilegitimamente vai além da distinção que Paulo faz das mesmas. O outro é a identificação total das duas, de tal maneira que uma delas é absorvida pela outra.

João Wesley, por meio da interpretação de "vestido nupcial" na parábola de Mat. 22:12, expôs a diferença bíblica entre justificação e santificação, da qual surgiu, em 1790, um cristão apático e indiferente.

"Não está a expressão 'justificação dos santos', indicando na parábola o que é 'vestido nupcial?' É a 'santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor'. A justiça de Cristo é indubitavelmente necessária para que qualquer alma possa entrar na glória. Mas, além disso, há uma santidade pessoal para cada ser humano. É fundamentalmente necessária observar que ambas são indispensáveis em diferentes aspectos. A primeira é necessária para habilitar-nos para o Céu; a segunda qualifica-nos para o Céu. Sem a justiça de Cristo não podemos pretender a glória: sem a santidade não teríamos aptidão para isso. Através

da primeira tornamo-nos parte de Cristo, filhos de Deus e herdeiros do Reino Celeste. Mediante a segunda 'somos participantes da herança dos santos em luz'. (*The Works of the Rev. John Wesley, A.M.*, vol. VII, London, 1831, p. 314).

Ellen G. White também estabeleceu diferença entre a justificação e santificação, embora tenha vinculado ambas numa unidade inseparável:

"É meu sincero desejo, quanto aos nossos jovens, que eles encontrem o verdadeiro sentido da justificação pela fé, e da perfeição do caráter que os preparará para a vida eterna" (*MJ*, 289).

"O que está sendo santificado pela verdade, exercerá domínio próprio e seguirá os passos de Cristo até que a graça se perca na glória. É imputada a justiça pela qual somos justificados; aquela pela qual somos santificados, é comunicada. A primeira é nosso título para o Céu; a segunda, nossa adaptação para ele". (*MJ*, 35).

A fim de entender a unidade orgânica de uma total e diária justificação e de uma diária e progressiva santificação precisamos compreender que a unidade desta experiência religiosa tem sua origem no companheirismo e na adoração de um Deus pessoal. Somente quando o coração é entregue diariamente a Cristo, de forma pessoal, será possível superar a obediência legalística para com a lei. Quanto mais unida estiver a alma com Cristo e com Este crucificado, maior será a percepção do horror de sua própria indignidade e pecaminosidade inerente. Os progressos da santificação, portanto, serão caracterizados por um profundo arrependimento e falta de confiança em si mesmo, em cada vitória sobre o pecado. Em vez de sentir-se gradualmente mais santa, a alma que contempla a Cristo diariamente, sentirá cada vez mais a sua incapacidade.

"Coisa alguma é aparentemente mais desamparada, e na realidade mais invencível, do que a alma que sente o seu nada, e confia inteiramente nos méritos do Salvador" (*CBV*, 182; cf. *TN*, 361). À semelhança de Pedro, que confiava em si mesmo (ver *Nat.* 26:33), o crente necessita a dolorosa mas necessária poda do Podador Celestial. Necessitamos ser salvos de nós mesmos, a fim de que o fruto do Espírito Santo possa ser cultivado: "caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança ... E os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências" (*Gál.* 5:22-24). Somente quando escolhemos a Cristo como nosso Senhor e Salvador, inicia realmente em nós a batalha contra o eu (ver *Gál.* 5:17; *Rom.* 7:14-25; 8:13-23). O velho homem pode ser considerado legalmente morto por meio da fé, crucificado com o corpo histórico de Cristo na cruz (*II Cor.* 5:14 ú.p.; *Rom.* 6:11; *Gál.* 2:20), mas na realidade prática o velho homem ainda está vivo (na cruz). Somos instados a sujeitar o velho homem, o homem natural ao poder do Senhor (*Efés.* 6:10). Devido a indicativa redenção da cruz de Cristo podemos obedecer à imperativa redenção. "Não reine portanto o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências" (*Rom.* 6:12; considerar o "portanto"; ver além *Col.* 3:3,S). Nem todos travam exatamente a mesma batalha no aperfeiçoamento do caráter cristão.

"Enquanto alguns são continuamente hostilizados, afligidos e encontram-se em problemas por causa de seus desventurados traços de caráter, tendo que lutar com o



inimigo interior e a corrupção de sua natureza, outros não precisam combater nem a metade de tudo isso" (*Testimonies*, vol. II, págs. 74, 75).

Mas, é nossa união com Cristo e nossa vitória sobre o pecado o que proporciona o sentimento pessoal de perfeição moral, de estado de impecabilidade inerente?

### **A Esperança Apocalíptica de Justificação: Uma Proteção contra o Perfeccionismo**

Existe na escatologia Paulina uma perspectiva de vitória sobre o pecado na vida dos crentes cristãos através do derramamento do Espírito Santo, de modo que a batalha contra o "eu" (de Gál. 5 e Rom. 7) seja gradualmente coisa do passado e todos os impulsos pecaminosos extinguidos? Vislumbra Paulo este progresso de etapas sucessivas de Rom. 7 e 8 na vida religiosa do crente santificado: Uma fase de sentimentos de "desventura" e frustração (Rom. 7), e a seguir a fase da alegria pela libertação do pecado ("pecado original") no corpo (Rom. 8)? Ou, por acaso, o livro de Apocalipse descreve a igreja triunfante que precede a Segunda Vinda de Cristo como os 144.000? Mas, em que sentido? Possuirão eles, em virtude da Chuva Serôdia do Espírito Santo uma santidade inerente, a qual, entretanto, não foi acessível aos apóstolos e à igreja apostólica?

As respostas a estas perguntas dependem da verdadeira apreciação da consciência de pecado em Moisés, os Salmos, os profetas, Jesus e o apóstolo Paulo, como também do conhecimento de conflito básico entre Roma e a Reforma com respeito ao "pecado original" nos crentes batizados; conflito este que permaneceu no Protestantismo motivado por uma histórica conversação entre Wesley e Zinzendorf em 1741 (ver LaRondelle, *Perfection and Perfectionism*, Vol. III, A.U. Monographs, 1971, pp. 319f.).

M. R. Cannon declara corretamente: "O que poderia surgir como uma diferença superficial, manifestada na rejeição dos reformadores em expressar que o homem é inerentemente justo neste mundo, contra a insistência de Wesley de que ele é justo, é realmente de fundamental importância" (*The Theology of Wesley*). Para Wesley, propriamente dito, nada era pecado, com exceção do pecado consciente, "transgressão voluntária de uma lei conhecida". Ao defender esta defeituosa doutrina sobre o pecado, Wesley afirma que aqueles que agora são perfeitos em amor não sentem mais a pecaminosidade, um conceito que é eficazmente criticado como inadequado até por alguns eruditos metodistas, tais como R. N. Flew H. E. Sangster (ver E. H. H. Vick, "John Wesley's Teaching Concerning Perfection", AUSS IV (1966), 201-217; para um extensivo comentário ver *Perfection and Perfectionism*, pp. 309-324).

Ellen G. White oferece-nos ao mesmo tempo um conceito de crescimento da consciência pecaminosa no processo ascendente da santificação (ver *CC*, cap. 3 que fala sobre o "Arrependimento") e do crescimento da perfeição do caráter cristão.

"Toda a verdadeira obediência vem do coração. Deste procedia também a de Cristo. E se consentirmos, Ele por tal forma Se identificará com os nossos pensamentos e ideais, dirigirá nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer, que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão seguindo nossos próprios impulsos. A vontade,

refinada, santificada, encontrará seu mais elevado deleite em fazer o Seu serviço. Quando conhecermos a Deus como nos é dado o privilégio de O conhecer, nossa vida será de contínua obediência. Mediante o apreço do caráter de Cristo, por meio da comunhão com Deus, o pecado se nos tornará aborrecível." (*DTN*, 668).

"A perfeição de caráter do cristão é alcançada quando o impulso de auxiliar e abençoar a outros brotar constantemente do íntimo – quando a luz do Céu encher o coração e for revelada no semblante" (*PJ*, 384).

Ellen G. White não diz que de um perfeito caráter cristão os bons impulsos brotam "naturalmente" de dentro, mas sim que brotam "constantemente" de dentro.

Ela, mais adiante, explica que um impulso de amor e simpatia, mesmo nos selvagens, mostrou a atuação da graça de Cristo em seus corações.

"O Espírito Santo implantou a graça de Cristo no coração do selvagem, despertando nele a simpatia contrária à sua natureza e à sua educação" (*PJ*, 385).

"Cristo é a fonte de todo bom impulso" (*CC*, 26). "Nossos impulsos e paixões têm no corpo sua sede" (*MJ*, 235). "Existe entre a mente e o corpo misteriosa e admirável relação" (TS, Vol. 1, 415). "Não podeis dominar os pensamentos, os impulsos, as afeições. . . Não podeis mudar vosso coração, não podeis por vós mesmos consagrar a Deus as suas afeições; mas podeis escolher servi-Lo. Podeis dar-Lhe a vossa vontade; Ele então operará em vós o querer e o efetuar, segundo o Seu beneplácito. Deste modo toda a vossa natureza será levada sob o domínio do Espírito de Cristo; vossas afeições centralizar-se-ão nEle; vossos pensamentos estarão em harmonia com Ele" (*CC*, 47, 48).

"Não há um impulso de nossa natureza, nem uma faculdade do espírito ou inclinação do coração, que não necessite achar-se a todo o instante sob a direção do Espírito de Deus." (*PP*, 421).

O cristão, ainda que o mais privilegiado, nunca pode caminhar um único momento sozinho e permanecer em pé, mas "deve andar sempre humildemente perante o Senhor, rogando pela fé que Deus lhe dirija todo o pensamento e domine todo impulso" (*PP*, 421). Ellen G. White adverte-nos sobre a realidade existente nos mortais, "um poder inerente em si mesmos para realizar grandes e boas obras" (*Testimonies*, Vol. I, 294; cf. *6BC*, 1070). Nunca, nesta vida, os filhos de Deus receberão "carne santa" ou a perfeição da carne, embora possam obter corações santos mediante o sangue expiatório de Cristo (cf. *ME*, Livro Dois, 32).

"Não podemos dizer: 'sou imaculado', enquanto este corpo vil não for mudado e transformado à semelhança de Seu glorioso corpo" (EGW, em *ST*, Março 23, 1888).

O apóstolo Paulo falando aos cristãos que possuíam a testemunho interior do Espírito Santo de que "são filhos de Deus" (Rom. 8:14-16), indica ao mesmo tempo que os cristãos agora são salvos em esperança.

". . . nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo. Porque na esperança fomos salvos. Ora, a esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera?" (Rom. 8:23, 24).

"Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça" (Gál. 5:5).

Estas duas passagens das Escrituras sobre uma futura redenção e justificação apocalíptica, atuam como uma proteção contra o erro do perfeccionismo que mantém a

idéia de que agora mesmo a conscientização de pecado deve ser apagada da mente dos verdadeiros crentes, que a justificação ou a perfeição pode ser sentida.

Aos que estavam angustiados pela conscientização de sua natureza pecaminosa, Lutero diz o seguinte:

"Irmão, você quer ter uma consciência de justificação; isto é, você deseja ser consciente da justificação da mesma forma em que é consciente do pecado. Isto não sucederá. Mas sua justificação precisa transcender sua conscientização de pecado e você precisa confiar de que é justo à vista de Deus. Isto significa que sua justificação não é visível e não é consciente; mas é esperada como algo que será revelado no tempo oportuno. Portanto, não precisa julgar com base em sua consciência sobre o pecado, o qual o aterroriza e lhe causa dificuldades, mas com base nas promessas e ensinamentos da fé, por meio das quais lhe é prometido Cristo como sua perfeita e eterna justificação" (*Luther's Works*. St. Louis: Concord Publishing House, Vol. 27, p. 21).

O Espírito de Profecia oferece também a confortante segurança de que não é o conhecimento de nossa santificação o que fundamenta e dá certeza de nossa salvação, mas a conhecimento da justificação pela fé:

"Não devemos estar ansiosos acerca do que Cristo e Deus pensam de nós, mas do que Deus pensa de Cristo, nosso Substituto. Vós sois aceitos no Amado" (*ME*, Livro 2, 32, 33).

O apóstolo Paulo culmina sua passagem apocalíptica sobre a ressurreição do corpo da morte, registrada em I Cor. 15, com a revelação do mistério que somente no momento final, ante a última trombeta (v. 52), ambos, a morte e o pecado dos santos serão absorvidos pela vitória (vs. 54-56). Ao chegar ao clímax, sua conclusão é clara: "Ora o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei" (v. 56). Em outras palavras: até a Segunda Vinda de Cristo os crentes precisam reconhecer a Santa Lei de Deus e, através de sua atividade espiritual (ver Rom. 7:14), a poderosa realidade de pecado em seus corpos, em sua carne e sangue, isto é, neles mesmos (cf. I Cor. 15:51, "seremos transformados").

Mesmo que o recado não tenha mais domínio dos pensamentos, palavras e atos dos cristãos, a existência do pecado como o poder que induz à morte não será aniquilado em vitória antes que o "corpo físico" (**psychikon**) seja transformado em um "corpo espiritual" (**pneumatikon**) (I Cor. 15:44).

Por conseguinte, a lei espiritual de Deus ainda vigora sobre os cristãos! Por isso, não se aplica totalmente a referência de Rom. 7:14-25 à luta moral do homem irregenerado antes de ser cristão. O cristão enfrenta uma feroz batalha, a qual é mais do que uma luta entre a razão e as paixões: Ele enfrenta uma batalha religiosa contra sua "carne" como a totalidade de sua natureza antiga (o eu em suas manifestações mais espirituais). Esta real batalha também é apresentada em Rom. 8:13, 23 ("gememos em nosso íntimo"), e continuará até o dia da glorificação (Rom. 8:23).

A confissão do apóstolo Paulo "miserável homem que eu sou", expressada ao mesmo tempo com gratidão a Deus e através de Jesus Cristo pela promessa de liberdade, converte-se em uma permanente e diária confissão dos santos redimidos na presença de seu Deus (ver a aplicação de Rom. 7:18 por E. G. White em *AA*, 561; *2ME*, 32; *PJ*, 161). Consequentemente, a liberdade mencionada em Rom. 7:25 não

encontra seu cumprimento final no renascimento dos cristãos, mas estende-se mais além, cumprindo-se plena e fundamentalmente na Segunda Vinda de Cristo, como deduzimos de Rom. 8:23. (Para um estudo comparativo de Rom. 7:14-25 e Rom. 8:1-13, ver *Perfection and Perfectionism*, pp. 211-227).

Neste contexto, a epístola de I João é ainda mais significativa. Mantendo perante a igreja o privilégio e dever de viver sem cometer pecado pelo poder protetor de Cristo (I João 3:9; 5:18), o apóstolo João adverte ao mesmo tempo aos cristãos a não se julgar sem pecado para não enganar-se a si mesmos (I João 1:8, 10). Resguardando-se contra o engano gnóstico da doutrina de que "uma vez salvos, salvos para sempre", João adverte aos crentes de que ainda que eles estejam certos de que "somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. . ." (I João 3:2). A responsabilidade dos cristãos é permanecer nele diariamente pelo que amor que leva à obediência aos mandamentos de Deus (I João 2:4-6), para que "quando ele se manifestar, tenhamos confiança, e não sejamos confundidos por ele na sua vinda" (I João 3:2, *ERC*)

Tal esperança apocalíptica, santificará a conduta presente. "E qualquer que nele tem está esperança purifica-se à si mesmo, como também ele é puro" (I João 3:3).

## **A RESTAURAÇÃO FINAL DA VERDADEIRA ADORAÇÃO**

### **A Restauração do Evangelho Eterno em sua Plenitude**

Os três anjos com sua tríplice mensagem a um mundo em rebelião, cumprem nos últimos dias a mesma função que cumpriu Elias quando Deus o enviou para levar o mundo a tomar uma decisão final a favor ou contra a adoração revelada do Criador (ver Mal. 4:5; cf. *4BC*, 1184). João Batista foi o cumprimento indicado do Elias prometido por Malaquias, instando à nação israelita a retornar ao temor do Senhor ante a evidência da aparente iminência do Messias. Sua mensagem foi a veemente mensagem dos profetas da antigüidade, os quais chamaram Israel ao arrependimento e a fazer um real concerto espiritual de companheirismo com Deus ou a punição do castigo de Deus cairia sobre eles. Amós proclamou ao Israel de seu tempo, aparentemente religioso, no entanto apóstata:

"Portanto, assim te farei, ó Israel! E porque isto te farei, prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus" (Amós 4:12).

Elias também chamou o Israel apóstata ao arrependimento e ao retorno à verdadeira adoração de Jeová. Seu apelo final constituiu-se o momento decisivo para aqueles que se haviam reunido no Monte Carmelo:

"Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-O; e se Baal, segui-O" (I Reis 18:21).

Todos os que recusaram o arrependimento ante o apelo de Elias e diante da inconfundível e evidente aprovação divina, foram executados I Reis 18:40; cf. *PR*, 153, 154). Aqueles que volveram seus corações e sua adoração ao Deus de Israel receberam as abundantes chuvas das postergadas bênçãos do Céu (I Reis 18:45).

A mensagem de Elias continha dois elementos essenciais: a) A restauração da verdadeira adoração a Deus ("E reparou o altar do Senhor, que estava quebrado", I Reis 18:30 ú.p.); b) O retorno dos corações e vidas para seguir os mandamentos do SENHOR (ver I Reis 18:18, 37). Estas características da reforma de Elias se encontravam nos escritos de Moisés como elementos indispensáveis da verdadeira adoração a Deus sobre o qual eles seriam provados (Deut. 13:1-5; 18:9-14).

"Após o Senhor vosso Deus andareis, e a ele temereis, e os seus mandamentos guardareis, e a sua voz ouvireis, e a ele servireis, e a ele vos achegareis" (Deut. 13:4).

"Perfeito serás, como o Senhor teu Deus" (Deut. 18:13).

João Batista reviveu a espiritualidade e a verdade da adoração de Israel a Deus "pregando o batismo de arrependimento, para o perdão dos pecados" (Luc. 3:3), e indicando a Jesus como "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29). O apóstolo João, assim, ofereceu a seu povo, o conhecimento de salvação pelo arrependimento de seus pecados. Além disso, exaltou o concerto da Santa Lei quando reprovou o pecado de Herodes ao ignorar o sétimo mandamento (Luc. 3:19; cf. *PE*, 154).

João Batista foi decapitado por proclamar intrepidamente, sem temor, o santo clamor de Deus sobre Seu povo. Sua mensagem foi uma unidade poderosa de lei e evangelho. Ele foi escolhido por Deus no momento oportuno como um cumprimento do anjo do concerto de Mal. 3:1, que iria diante do Senhor "no espírito e poder de Elias . . . e habilitar para o Senhor um povo preparado" (Luc. 1:17). A mensagem de Elias era de preparo a fim de poder se encontrar com o Senhor Jesus em Sua primeira vinda. A pregação de Mal. 4:5, 6 – entretanto – relacionou o envio do Elias como Dia do Juízo Final (cf. Mal. 4:1-3). Uma repetição da mensagem de preparo apresentada por João numa escala global a fim de preparar o mundo inteiro para o encontro com seu Criador ou enfrentar a Juízo final, está, portanto, incluída na profecia de Mal. 4:5, 6.

O livro de Apocalipse revela com evidente clareza a gradual aparição de uma tríplice mensagem de advertência, a qual sintetizará o evangelho e o concerto eternos no contexto definida e único dos últimos dias. Ellen G. White enfaticamente testemunhou (oito vezes) que a igreja remanescente é o Elias do tempo do fim, devendo, portanto, proclamar principalmente a mesma mensagem de restauração pregada por Elias e João Batista.

"João viera no espírito e virtude de Elias, para proclamar o primeiro advento de Jesus. Representava os que saíam no espírito e virtude de Elias, para pronunciar o dia da ira, e o segundo advento de Jesus" (*PE*, 155).

"Neste Tempo de apostasia quase universal, Deus chama a Seus mensageiros para proclamar Sua lei no espírito e poder de Elias. Como João Batista ao preparar o povo para a primeira vinda de Cristo, chamou a atenção para os Dez Mandamentos, nós também devemos dar um somido certo à mensagem: 'Temei ò Deus e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo'. Devemos esforçar-nos a fim de preparar o caminho para a Segunda Vinda de Cristo com o entusiasmo que caracterizou o profeta Elias e João Batista" (SH, Março 21, 1905; *4BC*, 1184).

"Hoje, como nos dias de Elias, a linha de demarcação entre o povo que guarda os mandamentos de Deus e os adoradores de falsos deuses está claramente definida" (*PR*, 187, 188; ver 254, 715, 716).

Em meio à confusão e enganos satânicos dos últimos dias, a tríplice mensagem de Elias enviada "no momento oportuno" (*Testimonies*, vol. V, 254), apresentará com grande poder as verdades que decidirão o destino das almas. Os Três Anjos, mediante seus apelos, transformarão o mundo inteiro num grande Monte Carmelo.

"Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade . . . Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas; porque já os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela" (Apoc. 14:8; 18:4, 5).

Ellen G. White expressa claramente o que isto significa, da seguinte maneira:

"Entre as leis de homens e os preceitos de Jeová, travar-se-ã a maior batalha de controvérsia entre a verdade e o erro. Nesta batalha estamos agora entrando – não uma batalha entre igrejas rivais lutando pela supremacia, mas entre a religião da Bíblia e as religiões de fábulas e tradição" (*PR*, 625).

O grande conflito está centralizado na verdadeira e falsa adoração, sobre a obediência aos mandamentos revelados de Deus ou aos mandamentos do homem, mas fundamentalmente será uma prova de fé em Cristo Jesus.

"Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus" (Apoc. 14:12).

A lei e o evangelho se unirão na plenitude do evangelho eterno.

### **A Restauração do Sábado como um Sinal da Justificação pela Fé**

A grande mensagem de Reforma de Isaías 58 encontrará seu glorioso cumprimento com o estabelecimento da moderna apostasia de "Gênesis". F.D. Nichol assim o declarou:

"O Movimento adventista é o único corpo religioso com uma mensagem que desafia diretamente a heresia-chave de nossos dias – a teoria da evolução – e convida a todos os que desejam sair de Babilônia, deixar a apostasia, a aceitar o verdadeiro sinal de lealdade e fidelidade para com o Deus vivo, o Criador" (*Answers to Objections*, F. D. Nichol, Review and Herald Publishing. Association, 1952, p. 709).

Corretamente compreendido e praticado no evangelho, o sábado não é meramente um problema de dia correto de adoração, mas um assunto de crença ou descrença em Cristo, como o Criador e Redentor, conforme é revelado desde Gênesis 1 até Apocalipse 22.

"Todas as grandes verdades das Escrituras centralizam-se em Cristo; devidamente compreendidas, todas levam a Ele. Seja Cristo apresentado como o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim do grande plano da redenção" (*Ev.*, 485).

Somente quando a Sábado do Quarto Mandamento for apresentado como o sinal do poder criador de Cristo bem como da graça salvadora, será aprova final de salvação para o homem. Quando Cristo é apresentado no Sábado, ambos se elevam ou decaem juntos. A questão Domingo-Sábado pode, então, ser desmascarada como um sinal de dicotomia entre o Criador e o Redentor, o símbolo de um dualismo gnóstico entre um

elevado Deus Redentor e um inferior Deus Criador. O Sábado manifesta-se como a inquebrantável unidade de trabalho de Deus na Criação e na Redenção (Êxo. 31:12-17). O Criador é o Salvador e utiliza todo o Seu poder criativo para a salvação do homem. O Sábado, portanto, eleva-se como sacramento do poder salvador e santificador de Cristo, entrando no repouso de sua graça (Heb. 4:3; cf. Ezeq. 20:12, 20). Para os que conhecem a Jesus como seu Senhor e Salvador pessoal, e deleitam-se na lei de Deus, o Sábado será novamente restaurado como o Selo incontestável da justificação e santificação, realizadas unicamente pela atuação de Deus como sinal da justificação pela fé.

A observação de E. Heppenstall é profundamente verdadeira:

"O mandamento do Sábado, mais do que qualquer outro, expressa a unidade entre a lei e o evangelho. Significa o repouso da obra de Deus completada na alma, o repouso da justificação pela fé. Ao longo da história de Israel o Sábado do sétimo dia constituiu a prova da obra do Espírito por meio do concerto eterno" (*Our Firm Foundation*, vol. I, p. 489).

O profeta Isaías apresenta o Sábado como um sinônimo e resumo do concerto de salvação de Deus (vs. 4, 6), indicando-o como o símbolo universal da unidade de adoração e oração de todos os povos (vs. 7, 8). Somente aqueles que deixam suas obras de pecado e justificação própria podem entrar no descanso sabático (◊⊕⊖⊗⊘⊙⊚⊛⊜⊝⊞⊟⊠⊡⊢⊣⊤⊥⊦⊧⊨⊩⊪⊫⊬⊭⊮⊯⊰⊱⊲⊳⊴⊵⊶⊷⊸⊹⊺⊻⊼⊽⊾⊿ⓀⓁⓂⓃⓄⓅⓆⓇⓈⓉⓊⓋⓌⓍⓎⓏⓐⓑⓒⓓⓔⓕⓖⓗⓘⓙⓚⓛⓞⓟⓠⓡⓢⓣⓤⓥⓦⓧⓨⓩ⓪⓫⓬⓭⓮⓯⓰⓱⓲⓳⓴⓵⓶⓷⓸⓹⓺⓻⓼⓽⓾⓿ⓀⓁⓂⓃⓄⓅⓆⓇⓈⓉⓊⓋⓌⓍⓎⓏⓐⓑⓒⓓⓔⓕⓖⓗⓘⓙⓚⓛⓞⓟⓠⓡⓢⓣⓤⓥⓦⓧⓨⓩ⓪⓫⓬⓭⓮⓯⓰⓱⓲⓳⓴⓵⓶⓷⓸⓹⓺⓻⓼⓽⓾⓿) do descanso de Deus (Heb. 4:9,10). Mas este repouso da graça está inseparavelmente ligado com as bênçãos e a santificação ou santidade do "sétimo dia" "porque nele descansou de toda à sua obra, que Deus criara e fizera" (Gên. 2:3).

### Os 144.000 – Frutos da Chuva Serôdia

A profecia da mensagem dos Três Anjos não é somente uma predição do evangelho restaurado em sua plenitude, mas também uma promessa de restauração total do poder do evangelho de salvação. A primeira seção de Apocalipse 14 apresenta os gloriosos frutos (vs. 1-5) da última mensagem da verdade de Deus (vs. 6-12): os 144.000 selados (cf. Apoc. 7:4) em pé junto ao Cordeiro sobre o Monte de Sião. A visão mostra o povo remanescente com a terminologia e a linguagem figurada do Velho Testamento. Por conseguinte, não deveríamos nos perguntar se os 144.000 significam um número literal (cf. "Que nenhum homem procure numerar Israel hoje" *PR*, 189) mas, qual é o significado teológico do número dos 144.000 das doze tribos de Israel? Os 144.000 israelitas de Apocalipse 7 e 14 não são uma reprodução de Judeus Cristãos sobre uma montanha do Oriente Médio. Sendo Cristo a Norma decisiva para a definição de todos os termos teológicos, os 144.000 apresentam-se como cristãos na crise final e no período de prova, os quais são o cumprimento de todas as profecias apocalípticas do Velho Testamento do fiel Israel remanescente (cf. Joel 2:32; Dan. 11:44; 12:1; Sof. 3:11-13; etc.).

Eles pertencem ao Pai e ao Filho (cujos nomes estão escritos em suas testas, 14:1). Eles cantam "um cântico novo" mostrando a grande experiência de salvação, expressão da angústia de Jacó e do tempo das sete últimas pragas. Eles saíram de

Babilônia (as igrejas apóstatas) com o coração e a alma ("virgens"; cf. Apoc. 17:5; II Cor. 11:2), "como primícias para Deus e para o Cordeiro. E na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus" (Apoc. 14:4, 5).

Com a designação "primícias" (**aparché**) indicar-se-ia aqui a qualidade de caráter do verdadeiro Israel, do povo do concerto fiel. Eles resistiram a prova final de lealdade, enfrentando a meça de morte (Apoc. 13:15-17; 15:2). Eles são selados com o específico selo apocalíptico da proteção de Deus, porque eles estão "irrepreensíveis", em perfeita harmonia com Deus e Seu concerto. Eles andaram com Deus e seguiram o Cordeiro sobre a Terra em todos os aspectos, conforme Enoque o fez. Eles foram trasladados sem ver norte (Apoc. 14:14-16).

É importante o ponto de Vista de Ellen G. White relacionando tipologicamente Enoque e os 144.000:

"O caráter piedoso deste profeta representa o estado de santidade que deve ser alcançado por aqueles que não de ser "comprados da Terra" (Apoc. 14:3), por ocasião do segundo advento de Cristo. . . . Mas, como Enoque, o povo de Deus procurará pureza de coração, e conformidade com Sua vontade, até que reflitam a semelhança de Cristo. Como Enoque, advertirão o mundo da segunda vinda do Senhor . . . Assim como Enoque foi trasladado para o Céu antes da destruição do mundo pela água, assim os justos vivos serão trasladados da Terra antes da destruição desta pelo fogo." (*PP*, 88, 89).

É necessário enfatizar, entretanto, que a santidade de Enoque era justificação pela fé.

"Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara. Pois, antes da sua trasladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus" (Heb. 11:5).

Citando este texto, Ellen G. White diz:

"Deus nos está chamando para uma comunhão tal. Semelhante à de Enoque deve ser a santidade de caráter dos que serão redimidos dentre os homens por ocasião da segunda vinda do Senhor" (*Testimonies*, Vol. VIII, pág. 331).

Para uma santidade semelhante à de Deus têm sido chamados todos os santos, tanto do Velho como do Novo Testamento (Lev. 11:44; I Ped. 1:15,16). Pureza de coração e uma conduta irrepreensível tem sido sempre a condição do companheirismo com Deus (Sal. 15; 24:4; 73:1; Mat. 5:8), mas ao mesmo tempo tem sido reconhecido que o arrependimento é um dom do perdão e da graça protetora de Deus (Sal. 51:1D; Atos 15:9).

"Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, e cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa maldade, e em cujo espírito não há engano" (Sal. 32:1,2).

"Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas. Também da soberba guarda o teu servo, que ela não me domine; então, serei irrepreensível e ficarei livre de grande transgressão." (Sal. 19:12, 13).

Jesus reconhecia tal santidade de alma em Natanael: "Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo" (João 1:47).

Como "seguidores do Cordeiro" os 144.000 são considerados verdadeiros israelitas, por serem redimidos da escravidão do pecado (João 8:33-44; cf. *5BC*, 911), em cujo espírito não há engano e nem mentira em sua boca. A perfeição de seu caráter



(Tiago 3:2) não se deve a nenhuma virtude inerente, mas à união espiritual com o Salvador, o Senhor de Israel, como as varas na Videira (cf. Sof. 3:12, 13).

"Pela fé nEle como Salvador pessoal, forma-se esta união. O pecador une a sua fraqueza à força de Cristo, seu vazio à plenitude dEle, sua fragilidade à perdurável resistência do Salvador. Assim ele possui a mente de Cristo." (*DTN*, 675).

A todos os discípulos que nEle confiassem, Cristo prometeu-lhes "uma série de ininterruptas vitórias, que aqui não pareceriam sê-lo, mas reconhecidas como tais no grande porvir" (*DTN*, 679). Os 144.000 revelam a justificação de Cristo, a qual é sobre eles e neles em sua total vitória sobre a "besta e a sua imagem" (Apoc, 15:2). Não somente lavaram os vestidos do seu caráter e "os branquearam no sangue do Cordeiro" (Apoc. 7:-14; I Ped. 1:19; cf. *CS*, 629), mas também receberam o derramamento do Espírito de Deus e a Chuva Temporã e Serôdia (Joel 2:23, 28-32).

O profeta Ezequiel revelou que o dom do Espírito de Deus limparia e criaria um coração novo dentro de uma perfeita obediência para com a santa lei de Deus (Ezeq. 36:26, 27). Ainda assim, é prometido um propósito mais elevado na purificação do povo do concerto.

"Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, . . . Vindicarei a santidade do meu grande nome. . . as nações saberão que eu sou o SENHOR, diz o SENHOR Deus, quando eu vindicar a minha santidade perante elas." (Ezeq. 36:22, 23).

Embora este propósito divino esteja sendo cumprido no verdadeiro Israel desde o Dia do Pentecostes em Atos 2, e em todos os fiéis seguidores de Cristo através de todas as épocas, o último livro da Bíblia evidencia o auge de seu cumprimento no específico grupo dos 144.000. Em que sentido é, então, este grupo especial único em relação com os anteriores Israelitas vitoriosos?

T. H. Jemison, em sua experiência "The Companions of the Lamb", em *Our Firm Foundation*, V. II (1953), pp. 405-424, apresenta onze surpreendentes experiências pelas quais o povo remanescente passará e que se assemelharão às que o Salvador experimentou na Terra, reveladas pelo Espírito de Profecia (págs. 411-417).

"Passo a passo, prova após prova, esforço após esforço, a experiência do remanescente é semelhante à do Salvador. Eles têm sido provados como Ele o foi e têm vencido como Ele venceu. Serão exaltados como Ele foi exaltado e serão seus seguidores especiais por toda a eternidade" (*Ibid.*, 416).

Seu conhecimento experimental da profundidade do sacrifício e sofrimento de Cristo é a razão da íntimo companheirismo com o Redentor.

"De todas as gerações dos homens, os 144.000 têm participado mais plenamente do companheirismo com Cristo em Seus sofrimentos. Somente eles têm avaliado o que significa enfrentar a irrefreável ira do maligno. Somente eles têm se sentido sem um Mediador ante o trono de Deus, sabendo que uma imperfeição de caráter, um pecado, os excluiria da entrada ao reino. Sob estas circunstâncias têm eles dado a demonstração final da validade e vindicado a lei e o caráter de Deus" (*Ibid.*, 416).

Nisto baseia-se a singular experiência dos 144.000, não no fato de que eles são inerentemente santos ou moralmente mais perfeitos do que os outros santos ("Estão inteiramente cômicos da pecaminosidade de suas vidas, vêem sua fraqueza e

indignidade" *GC*, 588), mas em que eles perseveraram unicamente pela fé para honrar o santo nome de Deus ante a tentação e sofrimentos sem precedentes.

Mas, como podemos, em tempos de prosperidade, avaliar realmente o que pode sobrevir unicamente como resultado de uma experiência pessoal de sofrimento com Cristo? Não é, então, difícil de compreender a seguinte citação de Ellen G. White se não sofremos com Cristo?

"E de todos os dons que o Céu pode conceder aos homens, a participação com Cristo em Seus sofrimentos é o mais importante depósito e a mais elevada honra." (*DTN*, 225).

Nossa responsabilidade, hoje, consiste em não ser negligentes no preparo necessário para receber a Chuva Serôdia, porque este refrigério habilitar-nos-á para viver à vista de um Deus Santo durante o tempo de prova e na luta do Dia do Senhor (*PE*, 71).

A Chuva Serôdia, acessível desde o Pentecostes com a manifestação do Espírito de Cristo, tem vindo "não com energia modificada, mas na plenitude do divino poder" (*DTN*, 671) a fim de purificar o coração e para fazer do crente um participante da natureza divina (II Ped, 1:4; Efés. 3:19; 5:18), "para vencer toda tendência hereditária e cultivada para o mal, e gravar Seu próprio caráter em Sua igreja" (*DTN*, 671).

A Chuva Temporã do Espírito Santo "é concedida segundo as riquezas da graça de Cristo, e Ele está pronto a suprir toda alma segundo sua capacidade para receber" (*DTN*, 672).

É nosso dever e privilégio diário ser batizados com o Espírito Santo, o qual é constantemente "oferecido em infinita plenitude" (*AA*, 50). "A Chuva Serôdia [do Espírito Santo] não desenvolverá a semente até à perfeição, se a Chuva Temporã não fizer seu trabalho" (*TN*, 506). Esperar que o poder da Chuva Serôdia supra as falhas contínuas do crescimento do caráter é "erro terrível" (*TN*, 507).

"A não ser que nos estejamos desenvolvendo diariamente na exemplificação das ativas virtudes cristãs, não reconheceremos as manifestações do Espírito Santo na chuva serôdia. Pode ser que ela esteja sendo derramada nos corações ao nosso redor, mas nós não a discerniremos nem a receberemos" (*TM*, 507).

"Vi que ninguém poderia participar do 'refrigério' a menos que obtivesse a vitória sobre toda tentação, orgulho, egoísmo, amor ao mundo, e sobre toda má palavra e ação" (*PE*, 71).

"Minha mensagem é que nossa única segurança é estarmos prontos para o refrigério celeste, tendo nossas lâmpadas preparadas e ardendo" (*ME*, I, pág. 192),

### **O Propósito da Mensagem a Laodicéia**

Esta mensagem tem o propósito de despertar a Igreja de Laodicéia a fim de que veja sua real condição de apostasia, alcance um fervoroso arrependimento e habilite-se para a recepção da Chuva Serôdia de Cristo como a Testemunha Verdadeira que envia um testemunho direto a Seu povo através de Apoc. 3:14-22 (ver *TS*, Vol. 1, 64, 65). Revela uma idolatria de justiça própria e uma miserável nudez, mas encerra com o

apelo para dominar "seus pecaminosos traços não subjugados" (Apoc, 3:21; cf. *TS*, Vol. I, pág. 65),

Cristo aconselha Seu povo a comprar dEle – ao preço de abandonar sua vontade própria – "ouro provado no fogo", "vestidos brancos, para que te vistas" e "que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas" (Apoc. 3:18). Cristo oferece-nos Sua justiça – imputada e comunicada – em toda sua plenitude. Cair diariamente sobre a Rocha em abnegação, lutar com Deus como Jacó junto ao Jaboque, ocultar-se no Homem do Calvário, obedecer todos os Seus mandamentos, somente pela fé, e demonstrar amor a todos, isto será nossa justificação.

"Os que satisfazem em todos os pontos e resistem a toda prova, e vencem, seja qual for o preço, atenderam ao conselho da Testemunha Verdadeira, e receberão a chuva serôdia, estando assim aptos para a transladação" (*TS*, Vol. I, p. 65).

A Chuva Serôdia é dada através do Forte Clamor, como o poder para testificar sobre a suficiência total da justiça de Cristo. Portanto, nossa mensagem não é uma mensagem negativa nem tampouco originalmente uma voz de advertência e condenação.

Ellen G. White insta-nos, dizendo:

"Cristo deve ser pregado, não em forma de controvérsia mas de maneira afirmativa . . . Exaltai-O, ao Homem do Calvário, cada vez mais alto. Há poder na exaltação da cruz de Cristo" (*Ev*, 187).

"A mensagem do terceiro anjo deve ser apresentada como a única esperança de salvação de um mundo que perece" (*Ev.*, 195, 196).

\* \* \* \*

## O SIGNIFICADO DECISIVO DA CRUZ

"AJOELHADO ANTE A CRUZ, O PECADOR ALCANÇA A POSIÇÃO MAIS ELEVADA A QUE A HUMANIDADE PODE CHEGAR"

A confissão comum de fé da cristandade ocidental, o tão conhecido credo Apostólico, declara: "Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra; e em Jesus Cristo, Seu único Filho, nosso Senhor; que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nascido da Virgem Maria; sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu à tumba e ao terceiro dia ressuscitou dos mortos, subiu aos Céus e está sentado à direita de Deus o Pai Todo-Poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos" (*Creeds of the Churches*, L. Leith, ed. Garden City, N.Y.: Doubleday & Company, Inc. 1963, p. 24).

Sobre esta confissão da Trindade, a qual remonta ao segundo século DC., os cristãos Adventistas do Sétimo Dia podem sinceramente dizer: "Amém!"

Não devemos olvidar o significado decisivo da cruz de Cristo, o ministério do sofrimento de Jesus. A igreja primitiva procurou confessar além dos meros fatos históricos sobre os sofrimentos e a morte de Jesus. Por trás desta doutrina histórica está a profunda confissão de que fé que, na agonizante morte de Jesus: "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (II Cor. 5:19). Este evento sobrenatural não foi evidente à percepção da visão natural. Foi visto através dos olhos da fé e apoiado unicamente na interpretação da cruz de Cristo por Seus apóstolos, após a ressurreição de Jesus.

O Novo Testamento registrou que, quando João Batista viu que Jesus vinha para ser batizado, anunciou: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29). É possível que haja dúvidas de que João tenha aplicada a profecia do sofrimento do servo de Isaías 53 a Jesus de Nazaré: "O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos . . . como um cordeiro foi levado ao matadouro" (Isa. 53:6, 7).

O único significado de Isaías 53 é enfatizado na história do Etíope, ministro das finanças, que estava lendo o rolo de Isaías enquanto viajava em seu carro de Jerusalém para Gaza. Quando Felipe ouviu que lia Isaías 53:7, 8, perguntou: "Entendes tu o que lês"?

"E respondendo o eunuco a Felipe, disse: Rogo-te, de quem diz isto o profeta? De si mesmo, ou de algum outro? Então Felipe, abrindo a sua boca, e começando nesta escritura, lhe anunciou a Jesus" (Atos 8:34, 35).

A primeira compreensão cristã de Isaías 53 foi expressa numa aplicação cristológica. Jesus de Nazaré era o Servo do Senhor, enviado com a divina missão de sofrer e morrer substitutivamente por Israel e pelas nações do mundo.

Cristo sofreu em nosso lugar, por nossa causa, levando sobre Si nossa culpa e castigo. "Para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos" (Heb. 2:9 ú.p.). Sempre que uma pessoa morre, isto acontece devido ao seu pecado, mas Cristo morreu "pela graça de Deus". Sua morte é um benefício para nós. Cristo não morreu

simplesmente como um mártir por seus ideais. Ao contrário, o Novo Testamento diz que Cristo deu Sua vida voluntariamente como um sacrifício. "Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou" (João 10:18).

Jesus esperava completar Sua missão com uma morte violenta, mas esta não seria o resultado inevitável de Seu ministério mas o verdadeiro propósito de Sua divina missão. Ao morrer, Ele cumpriria um propósito divino. Predisse, portanto, enfaticamente a aproximação de Seu fim em Jerusalém em termos da mais elevada "necessidade". Anunciou Ele três vezes a Seus discípulos que "importava que o Filho do homem . . . fosse morto, mas que depois de três dias ressuscitaria" (Mar. 8:31, cf. 9:31; 10:33, 34). Quando Pedro se opôs à rendição de Cristo nas mãos dos sacerdotes e escribas, dizendo: "Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso" (Mat. 16:22), Jesus respondeu com as duras palavras: "Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens" (Mat. 16:23).

Enquanto muitos profetas foram mortos como consequência de sua pregação a respeito dos juízos de Deus sobre um Israel apóstata, Isaías predisse a chegada do Servo único de Jeová que seria enviado para ajudar Israel, tomando seu lugar no juízo de Deus. A missão de Jesus de ir a Jerusalém a fim de morrer voluntariamente, pode ser corretamente compreendida unicamente se percebermos que Jesus divisou toda a Sua vida e missão à luz de Isaías 53. Ellen G. White sintetiza a missão de Jesus: "Toda a Sua vida foi um prefácio de Sua morte na cruz" (*FEC*, 382).

### **O Sentido do Propósito Divino**

Três passagens específicas de Cristo mostram claramente Sua concepção a respeito do propósito divino. Pouco antes de Jesus ser preso, Pedro assegurou-Lhe que estava pronto para acompanhá-Lo não somente à prisão, mas à morte (Luc. 22:33). Diante disso, Jesus respondeu: "Porque vos digo que importa que em mim se cumpra aquilo que está escrito: E com os malfeitores foi contado [citação de Isa. 53:12]; porque o que está escrito de mim terá cumprimento" (Luc. 22:37). Esta resposta prova indiscutivelmente que Jesus estava convicto de que Ele havia sido enviado para cumprir a missão do Servo do Senhor, predito em Isaías 53. Este senso de missão motivou todas as Suas ações. Ele sabia que seria "desprezado, e o mais indigno entre os homens" (Isa. 53:3; cf. Mar. 9:12; 8:31).

Mais explícitas ainda foram as palavras que Cristo expressou a respeito do significado de Sua vida: "Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (Mar. 10:45; cf. Mat. 20:28). Esta avaliação própria nos leva ao ponto de partida com respeito ao Servo do Senhor, pronunciada palavra por palavra, por Isaías.

A idéia de "resgate" é tomada do requerimento legal do Antigo Testamento, de acordo com o qual, em certos casos se podia legalmente pagar o resgate de sua própria pessoa com dinheiro (Êxo. 21:30; cf. Núm. 35:31). Citando o fato de renunciar esta vida como um "resgate para muitos", Jesus expressou o conceito de que Sua morte

significaria a *salvação* para outras pessoas. Outros se tornariam livres ou seriam salvos pela Sua morte, pois Ele morreria em *seu lugar*. A expressão literal, original no grego, é: "um resgate *em lugar de (anti*, Mar. 10:45) muitos".

Esta declaração de *resgate* é, provavelmente, a expressão mais clara do conceito de satisfação de Deus, apresentada também em diferentes formas em outras passagens do Novo Testamento (I Tim. 2:6; Tito 2:14; [Grego]; I Ped, 1:18, 19; 1 Cor. 6:20; 7:23; Gál. 3:13; 4:5). A morte redentora de Cristo somente adquire seu pleno significado bíblico se Ele Se coloca a Si mesmo *em nosso lugar* sob o juízo de Deus, satisfazendo e penalidade divina por nossa culpa perante Deus.

Finalmente, Cristo manifestou a expressão mais clara do significado de Sua morte, em Suas palavras ao instituir a Ceia do Senhor: "E, enquanto comiam, Jesus tomou o pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E, torrando o cálice, e dando graças, deu-lhes, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados" (Mat. 26:26-28).

Neste quadro da páscoa judaica; Jesus expõe a entrega de Seu corpo e Seu sangue como o sacrifício expiatório por excelência como a substituição do sacrifício pascoal do antigo concerto e os meios de salvação de novo concerto para muitos. Ele colocou Sua vida em lugar da de Seus discípulos como um sacrifício expiatório para perdão dos pecados deles.

Jesus, dessa maneira, harmonizou a promessa de Isaías 53 (o sacrifício substitutivo em favor de muitos) com a de Jeremias 31 (o novo concerto com o perdão dos pecados). Poderia alguém imaginar uma evidência mais autêntica e direta do significado redentor da morte de Jesus do que a própria instituição da Ceia do Senhor realizada pelo próprio Cristo? Neste sacramento, o próprio Cristo concentrou toda a Sua mensagem evangélica em Sua morte expiatória. No testemunho final de Cristo o Seu anelo foi de que os olhos da igreja cristã se fixassem para sempre na cruz, onde Ele havia derramado sua alma até a morte por nossos pecados.

Quão verdadeiras são, então, as conclusões de Ellen G. White: "Sem, a cruz, o homem não teria conexão com o Pai. Nisto baseia-se todas as nossas esperanças. . . Quando o pecador alcança a cruz e olha para Aqueles que morreu para salvá-lo, pode regozijar-se plenamente porque seus pecados foram perdoados. Ajoelhado ante a cruz, o pecador alcança a posição mais elevada a que a humanidade por chegar" (*Review and Herald*, Abril 29, 1902).

## **A EFICÁCIA DA CRUZ**

"A VIRTUDE REDENTORA DA CRUZ NÃO ESTÁ BASEADA NUM RACIOCÍNIO FILOSÓFICO OU LÓGICO, MAS EXCLUSIVAMENTE NA PROMESSA DA PALAVRA DE CRISTO"

A cruz de Cristo não se explica por si mesma. Aceitar o fato de que o sofrimento de Cristo foi um assunto não somente de Sua inocência nas também de nossa culpa requer interpretação e fé. A narração dos Evangelhos registra uma incompreensão fundamental com relação aos sofrimentos de Cristo, mesmo entre aqueles que reconheciam Sua inocência, como Judas, Pilatos e o centurião (Mat. 27:3, 4; Luc. 23:13-15, 47). Mesmo reconhecendo a inocência de Cristo, não perceberam, entretanto, o propósito do sofrimento de Jesus.

Jesus não esperava compaixão para Sua aflição. Carregando Sua cruz, deteve-Se um momento e voltando-Se para as mulheres de Jerusalém que choravam, disse: "Não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos" (Luc. 23:28). Por outro lado, quando um dos ladrões crucificados confessou a inocência de Jesus como também sua própria culpa e confiança em Cristo, Jesus imediatamente prometeu-lhe a entrada no Paraíso. (vs. 41-43).

### **A Cruz Proporciona Paz**

A cruz pareceu mostrar somente debilidade e defeito, mas Cristo estava convicto de que Sua morte foi uma vitória sobre o mal. Seu clamor ante o Pai, "Está consumado", foi um clamor de triunfo.

Paulo ressalta o mistério da cruz de Cristo da seguinte maneira:

"Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus. . . . Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas

para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens." (II Cor. 1:18-25).

Antes de ir a Corinto, Paulo havia pregado a Cristo na cidade de Atenas, o famoso centro da filosofia grega. Ele havia procurado enfrentar a sabedoria grega com sua filosofia cristã superior, com alguns resultados. Mas agora, na cidade de Corinto, seu evangelho constituiu-se mais enfaticamente uma mensagem da cruz. "Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado." (I Cor. 2:1, 2).

A ciência celestial de redenção centraliza-se na cruz do Calvário. O significado pleno da crucifixão de Jesus Cristo excede em muito a compreensão da mente humana. "Tentando compreender este plano todas as mentes finitas tornam-se perplexas" (*SDA Bible Commentary*, comentários de Ellen G. White sobre João 3:16, Vol. V, p. 1133).

Embora nenhuma mente humana possa compreender plenamente a cruz meditando sobre Cristo como o Cordeiro de Deus, "começa a desdobrar-se ao nosso espírito o mistério da redenção, e a bondade de Deus nos leva ao arrependimento" (*CC*, 27).

Tanto o amor de Deus pelo pecador como Seu aborrecimento pelo pecado, são revelados na cruz do Calvário. Nas o amor de Deus é mais poderoso do que a nossa morte. A cruz é o caminho de paz entre o Céu e a Terra, entre as raças, entre as classes sociais e entre os homens e as mulheres. "Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derribando a parede de separação que estava no meio. Na sua carne desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz, e pela cruz reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades. E, vindo, ele evangelizou a paz, a vós que estáveis longe, e aos que estavam perto" (Efés. 2:14-17, *ERC*). "Destarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus." (Gál. 3:28).

Às igrejas da Galácia, as quais criam em suas obras como meio de salvação, Paulo escreveu: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gál. 6:14).

A cruz não pode ir ao encontro dos cristãos, mas estes é que devem ir ao encontro dela. A cruz de Cristo, portanto, é a chave que nos leva a Cristo. A fé em Cristo é realmente a fé na obra expiatória de Deus na morte de Cristo. P. T. Forsyth, coloca isto sob um foco muito acertado, ao declarar: "Cristo é para nós o que é Sua cruz. Não compreendemos a Cristo enquanto não tenhamos compreendido Sua cruz" (*The Cruciality of the Cross*, p. 26).

A cruz no evangelho é o centro de nossa reconciliação com Aquele que é santo. A cruz é o clímax da divina encarnação, o único caminho para nossa paz com Deus e com nossos semelhantes, o regozijo dos anjos quando cantaram sobre os campos de



Belém: "Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem." (Luc. 2:14).

### **Nossa Permanente Necessidade da Cruz**

Sempre que a sociedade é pacífica, alguns cristãos começam a perder de vista o fundamento de suas bênçãos e se perguntam: Por que a humanidade precisa de um sacrifício expiatório? Por que é necessário que nossos pecados sejam perdoados através do sangue de Cristo? Que diferença faz a cruz? Por que Deus não pode nos perdoar mediante Sua completa misericórdia, unicamente por Sua graça, sem um sacrifício cruento?

Tais perguntas revelam um profundo problema. O problema crítico na cristandade moderna é a *falta de senso de pecado diante de Deus*.

A pessoa moderna fala preferivelmente de crimes, fracassos da moral ou de sentimentos de inferioridade do que de pecado e culpa. Fracassos tais como "complexo de inferioridade" são usados como substitutos moralistas para a realidade do pecado. Secretamente, homens e mulheres encontram-se enfermos devido ao seu pecado indigno ou seus fracassos morais e, portanto, não se sentem satisfeitos; mas por não saberem resolver esta situação, reprimem-se impedindo desta forma qualquer esforço moral para começar novamente.

Repousa aí a raiz patológica do secularismo moderno. O fracasso moral não é trivial ou irreal, mas um mal sólido; não dando ouvidos a suas consciências, homens e mulheres têm traído seus ideais, contaminando seu caráter e perdido a batalha.

A técnica da psicanálise não pode ajudar aqui, porque o estímulo de atos perversos não pode ser eliminado. Não pode haver solução enquanto se permanece no nível unicamente moral. Um moralista tal nunca pode se perdoar a si mesmo. Não há salvação para o fracasso moral até que compreendamos que toda nossa vida deve ser transformada mediante seu direcionamento para Deus. O psiquiatra pode aliviar temporariamente uma alma enferma do pecado, procurando falar-lhe para eliminar o sentimento de culpa; mas nunca poderá eliminar a culpa. Somente Cristo pode apagar nossos pecados.

Enquanto o moralista é conduzido pela sua própria justiça, para sua própria desesperança, o crente em Cristo reconhece seu fracasso como o pecado contra Deus, como a transgressão de Sua santa vontade, como a rebelião contra Seu amor. Isto o leva a uma total condenação própria. Mas, mediante a fé no Cordeiro que Deus proveu, ele pode confessar todas as suas faltas e aceitar o perdão que Jesus oferece. Cristo oferece o perdão do passado e uma oportunidade.

O crente em Cristo fica tão plenamente direcionado para Deus ao ponto de preocupar-se mais com Deus do que consigo mesmo. Ao aceitar o perdão de Deus, ele também aprende a perdoar e a respeitar-se a si mesmo. O Credo antigo dos apóstolos conclui com este testemunho de fé: "Creio . . . no perdão dos pecados".

Os cristãos não vivem sob as sombras da cruz, mas em meio à sua luz salvadora. Por que razão existem tantos transtornos nervosos na sociedade moderna? Porque as

peças procuram ter moralidade sem uma verdadeira religião. "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus. Corrompem-se e praticam abominação; já não há quem faça o bem." (Sal. 14:1).

### A Necessidade da Cruz

Muitas pessoas não possuem a Deus e não sabem como tratar com suas derrotas. As pessoas com mente reflexiva, que nada sabem sobre o perdão divino, a lembrança de seus fracassos traz consigo o efeito paralisante de amargos remorsos. Tal pesar não liberta nem cura porque a culpa pressiona constantemente a alma para baixo.

Quão oportuna, conveniente e necessária é, então, a mensagem apostólica da cruz! Paulo assegura aos crentes em Corinto, o seguinte: "Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte." (II Cor. 7:10).

A aceitação do perdão divino em Cristo tem trazido paz às mentes de incontáveis milhões e conduz ao desaparecimento dos sintomas da incapacidade física.

O cristão não nega ou diminui a importância de seus pecados, mas confessa-os com pesar cada dia. Ele recebe o perdão libertador de Deus e a graça de uma nova oportunidade.

Se somos pecadores perdoados devemos também atuar como perdoadores. O apóstolo João escreve a todos os crentes: "Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; e ele é a propiciação [*hilasmos*] pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro." (I João 2:1, 2).

"Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado." (I João 1:7).

A carta aos Hebreus resume as revelações de Deus ao Israel antigo, dizendo: "Sem derramamento de sangue não há remissão" (Heb. 9:22 ú.p.).

Deus não pode perdoar o pecado às expensas de Sua justiça e santidade. Essa é a razão pela qual Cristo insistiu na divina necessidade de Seus sofrimentos: "Porventura não convinha que o Cristo ["Messias"] padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?" (Luc. 24:26).

A necessidade e a eficácia da cruz de Cristo foram exemplificadas dramaticamente na ordem de Deus a Moisés para levantar uma serpente de bronze sobre "uma haste" diante dos israelitas moribundos no deserto. "E será que viverá todo o mordido que olhar para ela" (Núm. 21:8 ú.p.). O povo moribundo devia olhar para cima a fim de viver. Ninguém pode salvar-se ou curar-se por si mesmo do pecado, do veneno da serpente. O próprio Jesus explicou a real lição:

"E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna." (João 3:14, 15).

A segurança da virtude redentora da cruz não está baseada num raciocínio filosófico ou lógico, mas exclusivamente na promessa da palavra de Cristo. Exaltado

sobre a cruz, Ele atrairá todos os homens para Si mesmo (João 12:32) e salvará todos os que a Ele se chegarem (João 6:37, 40).

Os méritos de Cristo, reivindicados por meio da fé, são poderosamente eficazes para a alma enferma de pecado. Ninguém que confie nos méritos do Salvador crucificado e ressurreto, perecerá.

Infelizmente: "Muitos não querem aceitar a Cristo antes que lhes fique claro todo o mistério do plano da salvação. Recusam o olhar da fé, embora vejam que milhares têm olhado para a cruz de Cristo e sentido a eficácia desse olhar." (*PP*, 432).

A cruz não é somente eficaz para nossa cura espiritual – "pelas suas pisaduras fomos sarados" (Isa. 53:5 ú.p.) – mas também para nosso total bem-estar nesta vida e na futura. Conforme foi claramente exposto: "Todas as bênçãos desta vida e da futura nos são concedidas assinaladas com a cruz do Calvário" (*PJ*, 362).

## A SUFICIÊNCIA COMPLETA DA CRUZ

"O SACRIFÍCIO DE CRISTO COMO EXPIAÇÃO PELO PECADO, É A GRANDE VERDADE EM TORNO DA QUAL SE AGRUPAM AS OUTRAS" (Ellen G. White)

O sofrimento e a morte de Jesus são indispensáveis no plano de Deus para redimir a humanidade da culpa e do poder do pecado. A verdade do santuário de Israel ensinava que "a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pela vossa alma, porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida." (Lev. 17:11). O Novo Testamento, por sua vez, proclama que Deus encarnou-Se "e que, havendo por Ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra como as que estão nos céus" (Col. 1:20).

Provavelmente a passagem mais clara do Novo Testamento para a compreensão da cruz de Cristo encontra-se em Romanos 3:25, 26: "a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus."

O sangue dos touros e dos bodes sobre os altares de Israel nunca poderia eliminar a culpa humana, não importa quantos animais fossem sacrificados (Heb. 10:4). No decorrer dos milhares de anos que antecederam a cruz, Deus não puniu adequadamente o pecado do homem através dos sacrifícios de animais. Limitando Sua justiça, Deus dominou-Se para com a inumanidade pecaminosa porque Ele mesmo proveria o único Cordeiro que poderia tirar os pecados do mundo. Deus deu a Seu próprio Filho em seu juízo pelos pecados de todos nós (Rom. 8:32). Ante a cruz de Cristo, Deus satisfez totalmente as demandas da justiça santa ao tratar com nossos pecados.

Em Romanos 3, Paulo explica que Deus atuou na cruz de maneira santa, não em forma arbitrária, mas com reação justa e santa em favor dos nossos pecados. Desta forma, "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo". Portanto, concordamos

com a conclusão de Peter T. Forsythe: "O primeiro ator na cruz de Cristo foi Deus. Cristo era Deus reconciliando. Ele era Deus fazendo o melhor pelo homem e não o homem fazendo o melhor perante Deus. O primeiro é um cristianismo evangélico; o último um cristianismo humanístico" (*The Cruciality of the Cross*, 17).

O evangelho da cruz, portanto, requer que creiamos na Divindade de Cristo. "Porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade." (Col. 2:9). A encarnação é o indispensável fundamento da morte expiatória de Cristo. Somente Deus pode nos salvar da condenação divina, da ira do pecado. A cruz mostra o juízo de Deus por nossos pecados na morte de Cristo.

Isto significa que, a fim conscientizar *o pecado e a graça*, é necessário refletir na santidade de Deus, pregando a cruz de Cristo como a própria propiciação e expiação de Deus por nossa culpa. João explica a natureza santa do amor de Deus: "Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados." (I João 4:10).

O ato de Deus na cruz não foi meramente uma demonstração de divina compaixão e solidariedade para com a humanidade sofredora. A cruz foi a maior demonstração da justiça de Deus. A cruz não é, então, apenas o meio de nossa justificação, mas também a demonstração da própria graça de Deus para nos perdoar, bem como para satisfazer Sua santa justiça.

Ellen G. White apresenta o drama da cruz nesta forma: "Ele [Cristo] plantou Sua cruz na metade do caminho entre o Céu e a Terra, . . . alongando a Justiça e a Misericórdia através do abismo. A justiça, transportando-Se de Seu exaltado trono e com todo o exército do Céu, aproximou-Se da cruz. Viu ali Alguém igual a Deus padecendo a penalidade por toda a injustiça e pecado. Com perfeita satisfação, a Justiça inclinou-se em reverência diante da cruz, dizendo: É suficiente" (*The SDA Bible Commentary*, comentários de Ellen G. White, V. VII, 936).

"Assim como o arco nas nuvens é formado pela união da luz do sol e da chuva, também o arco-íris que circunda o trono representa a combinação do poder da misericórdia e da justiça. . . Se não houvesse justiça nem penalidade, não haveria estabilidade no governo de Deus. A união do juízo e da misericórdia é o que completa a salvação" (*Ibid.*, Vol. V, 1133).

Lutero insistiu no fato de que "Deus somente pode ser encontrado no sofrimento e na cruz [de Cristo]" (*Luther's Works*, V. XXXI, p. 53). A teologia da cruz foi o princípio motivador de toda a teologia e pensamento de Lutero.

Jürgen Holtmann, diz igualmente hoje: "Theologia crucis (A Teologia da cruz) não é um simples capítulo na teologia, mas a chave de toda a teologia cristã" (*The Crucified God*, 72).

Sua observação com respeito a que a cruz deveria sempre ser avaliada à luz da ressurreição de Cristo, é importante. A ressurreição de Cristo implica no fato de que *Deus* também atuou na morte de Cristo.

A cruz fala, portanto, não de uma "graça de baixo custo", mas do preço infinito que custou nossa redenção. Cristo compreendeu que Sua morte pagava o resgate de nossa redenção. "Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos" (Mar. 10:45).

Justamente antes de morrer, Jesus exclamou com forte voz para Seu Pai: "Está consumado!" (João 19:30), significando que a obra havia sido acabada. Dessa maneira, Cristo morreu como um Conquistador. Sua morte foi uma morte substitutiva, indicada pelo Pai e, portanto, expiatória. Não há outra forma pela qual os seres humanos possam ser salvos. Cristo suspenso sobre a cruz é a evangelho da reconciliação. Ele é o Cordeiro de Deus para quem apontavam todos os antigos sacrifícios.

O verdadeiro reavivamento da religião cristã virá através de uma nova visão da santidade de Deus e de Sua avaliação de nosso pecado e pena. A fim de conhecer o que Deus pensa sobre o pecado, precisamos olhar para a cruz.

Temos nos familiarizado tanto com o mal e a violência que chegamos a perder o verdadeiro senso de pecado e seu horror diante de Deus. Precisamos a visão que teve o profeta Isaías sobre Deus quando O buscava em Seu santuário. Quando lhe foi permitido ver um vislumbre da santidade de Deus, sentiu-se completamente perdido e indigno de servir a seu Senhor celestial (Isaías 6). Ao mesmo tempo compreendeu como a santidade de Deus pode expiar os pecados. A brasa viva do altar celestial tocou em seus lábios impuros provocando um fogo santo que fez arder seu coração de paixão pelas almas.

Apercebemo-nos plenamente de nossos pecados somente quando nos encontramos na santa presença do templo de Deus. Não deveríamos definir o pecado unicamente pela letra dos Dez Mandamentos. No Novo Testamento, o pecado é medido pela vida e morte de Cristo (João 16:8-11). Cristo é quem revelou a santidade de Deus, tanto ao julgar o pecado como ao salvar os pecadores. A consciência humana nunca pode estar em paz pela proclamação geral de que Deus ama os pecadores. Somente a cruz expiatória de Cristo vai ao encontro de nossas profundas necessidades e assegura à alma enferma de pecado que Deus verdadeiramente tirou sua culpa. Somente o sangue de Jesus limpa nossa alma, oferecendo-nos liberdade de moral e criando um novo poder para amarmos a Deus e a nosso próximo de todo o nosso coração e com todas as nossas forças.

Cristo é para nós o que é Sua cruz. Aquilo que oferece paz a uma consciência culpada foi realizado por Cristo. "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (II Cor. 5:19). Precisamos compreender a expiação com nossa consciência. Somente quando compreendermos a interpretação apostólica da expiação da cruz, seremos liberados do sentimentalismo e do pietismo egocêntrico.

Necessitamos um reavivamento com as dimensões de santidade no evangelho cristão. Se nossa conduta é errônea, nosso conceito de Deus e nossa conexão com Ele requer uma reforma. A vida seguirá à fé e à teologia válida. Qual é, então, a fonte de moral da religião cristã? A resposta da Bíblia é clara: Sua fonte está no Deus santo. A majestade moral da santidade de Deus leva o pecado a juízo até que a santidade seja satisfeita.

Portanto, não nos envergonhemos da cruz de Cristo, porque somente ali a justiça de Deus está plenamente demonstrada e exposto o triunfo de Cristo sobre todo o poder satânico. Paulo manifesta o vitorioso caráter da cruz: "Tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial,

removeu- o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz." (Col. 2:14, 15).

A cruz é nossa única e suficiente certeza de salvação. A ressurreição de Cristo imortalizou a cruz e deu à morte de Cristo a eficácia e poder perduráveis. Ellen G. White reconhece o significado central e decisivo da cruz com estas palavras: "O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado, é a grande verdade em torno da qual se agrupam as outras. A fim de ser devidamente compreendida e apreciada, toda verdade da Palavra Deus, de Gênesis a Apocalipse, precisa ser estudada à luz que dimana cruz do Calvário" (OE, 315).

### A Função Decisiva da Fé

Hoje em dia, os teólogos Calvinistas ainda afirmam a verdade Bíblica de que a expiação sacrificial de Cristo é *suficiente* para todos, embora não seja *eficiente* em todos. O evangelho amplia a esfera de nossa limitação: "Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29).

Quando a justiça demandou os sofrimentos de um homem, Cristo ofereceu os sofrimentos do Deus encarnado. Ellen G. White escreveu: "A oferenda de Cristo foi inexcedivelmente abundante para abranger toda alma que Deus criou. Não se podia restringir, de modo a não exceder o número dos que haviam de aceitar o grande Dom. Nem todos os homens são salvos; todavia, o plano da salvação não é um desperdício pelo fato de não realizar tudo que foi provido por sua liberalidade. Há o suficiente, e sobeja ainda." (*DTN*, 566).

Existe realmente uma restrição na salvação final da raça humana, mas esta limitação não é determinada por um decreto inescrutável de uma predestinação seletiva da parte de Deus. O alcance universal da graça divina restringe-se unicamente pela incredulidade alarmante de alguns ouvintes do evangelho. Mesmo Cristo "estava admirado pela incredulidade deles" (Mar. 6:6).

O evangelho da cruz é para ser proclamado a todas as raças e povos, de maneira que o Espírito Santo possa conduzir as pessoas de volta ao coração de Deus. "E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim" (João 12:32).

É responsabilidade do ouvinte do evangelho deixar-se conduzir por Cristo, crer na morte expiatória de seu Salvador por sua própria alma. Crer não é um ato meritório ou a realização de uma mente inteligente. Resistir ao dom da fé quando este é oferecido, traz como consequência a culpa diante de Deus. O maior pecado é rejeitar o Filho de Deus (Heb. 10:29). Não quem tem a lei de Deus, mas "aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida." (I João 5:12).

A pregação do evangelho de Cristo, portanto, inclui dois aspectos: Uma proclamação objetiva e um chamado subjetivo. A proclamação objetiva é que "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" através do sangue de Cristo (II Cor. 5:19). O chamado subjetivo é para o coração humano através da fé pessoal no ato reconciliador de Deus: "vos reconcilieis com Deus" (II Cor. 5:20 ú.p.).

A proclamação e o chamado unidos, exaltam a eterna suficiência da cruz de Cristo. Este é o evangelho eterno, o pão da vida para um mundo em inanição espiritual. Não deveríamos, então, exaltar a cruz de Cristo? É nosso privilégio gloriar-nos na cruz do Calvário.

## PERFIL DA DOCTRINA BÍBLICA DA SALVAÇÃO

"HÁ UMA UNIÃO INDISSOLÚVEL ENTRE A LEI E O EVANGELHO, ENTRE A JUSTIFICAÇÃO E A SANTIFICAÇÃO"

A plenitude da salvação abrange não só o perdão dos pecados como a restauração da imagem moral de Deus no crente arrependido e, por fim, a redenção do humilhado corpo e de todo este planeta, que ainda se acha sob o domínio da decadência (Rom. 8:19-25; Fil. 3: 20, 21; Apoc. 21, 22). Há, portanto, três aspectos da salvação: justificação, santificação, glorificação, todos englobados na plenitude do evangelho eterno que Deus, neste tempo do fim, tem restaurado a fim de ter um povo pronto para encontrar seu Senhor por ocasião da Vinda de Cristo em glória (Apoc, 14:6-12; Tito 2:11-14; I Tess. 5:23).

Reconhecemos que "justificação", "santificação" e "glorificação" tem, cada, seu próprio objetivo distinto operando no plano divino de restauração. "Justificação" é a divina atribuição ou imputação da justiça de Cristo, a crédito, perante Deus, do crente arrependido (Rom. 4:4-8). Trata-se de uma transação judicial de Cristo como mediador celeste, pela qual somos feitos retos para com Deus e temos acesso ao coração do Pai (Rom. 5:1 e 2), sendo, como resultado imediato, que "o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado." (Rom. 5:5). Desse modo, sem qualquer mérito de nossa parte, recebemos o Espírito Santo pela fé em Cristo (Gál. 3:2, 5), e pode apropriadamente ser dito que somos "justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus" (I Cor. 6:11).

Em outras palavras, justificação traz a santificação com a presença de Cristo no coração do crente (Gál. 2:20, Efés. 3:14-19). O pecador perdoado ou justificado é recriado em seu coração, um fato que se torna manifesto numa maneira de pensar e agir do convertido, segundo a vontade de Cristo e do Espírito Santo (Gál. 4:19; 5:15, 25). Fortalecida pelo Espírito Santo, a fé opera mediante o amor, purificando a conduta e capacitando o crente a guardar os mandamentos de Deus, o verdadeiro teste quanto a se uma pessoa renasceu, segundo o apóstolo Paulo (I Cor. 13; Gál. 5:6; 6:15; I Cor. 7:19; Rom. 8:4).

Tornar-se cristão significa ter escolhido a Cristo não somente como Salvador do pecado e da culpa, como também como Senhor e Rei, numa relação de concerto para uma vida de justiça em Seu poder. Isso significa uma mudança de mestre, uma vez que servíamos a Satanás no pecado (Efés.2:1-3). Agora que viemos a "obedecer de coração á forma de doutrina", tornamo-nos "servos da justiça", e "oferecei agora os vossos

membros para servirem a justiça para a santificação". (Rom. 6:17 a 19). Não só a santa lei dos Dez Mandamentos, é nosso padrão de justiça, mas também a lei corporificada na vida de Jesus Cristo. Um caráter perfeito, formado à semelhança de Cristo e em comunhão com Sua igreja, é o propósito da graça e salvação de Deus (Efés. 4:13)

### **A Esperança Apocalíptica de Glorificação**

A descrição pictórica dos seguidores de Cristo no último livro da Bíblia promete que das provações e tribulações apocalípticas que precedem ao segundo advento de Cristo um grande número de fiéis cristãos sairá para seguir o Cordeiro aonde quer que Ele vá (Apoc. 14:1-5). Eles são imaculados ou justos à vista de Deus, não aos seus próprios olhos. Eles confiam somente na justiça de Cristo, achando-se indignos em seus próprios corações (Apoc. 15:3). Contudo, somente ante a última trombeta, quando Cristo retornar em majestade e glória, seus corpos abatidos serão transformados num corpo imortal espiritual e glorioso (I Cor. 15:42-44, 51-56). A esperança apocalíptica de glorificação e alegria eterna na casa do Pai era parte vital da fé dos patriarcas e profetas, do próprio Cristo e Seus apóstolos. Essa visão antecipada daquilo que se reserva para o povo de Deus tem sido sempre um poder determinante em sua luta por santidade e perseverança (Heb. 4:11; 12:1, 2; II Pedro 3:13; Rom. 8:18-23).

É de vital importância ver que Cristo não aniquila ou anula a santa lei de Deus, mas que a cumpre perfeitamente. Cristo obedeceu à santa lei de Deus em cada pormenor, tanto como nosso substituto e nosso exemplo. Aqui a diferença básica entre a justiça de Cristo e a justiça do cristão deveria ser claramente percebida e compreendida.

A obediência e justiça imaculada de Cristo é nosso único título para a vida eterna. É algo fora de nós, que se acha nele somente e se torna nossa apenas por genuína fé (Rom. 5:18, 19). Seu caráter perfeito constitui nossa imbatível segurança e certeza de salvação. O poder protetor de Cristo habitando no coração do cristão molda o coração e a vida do crente segundo um caráter reto, à medida que ele partilha mais e mais da natureza divina na contínua batalha contra o eu (Rom. 7:14-25; 8:13; I João 5:18; II Pedro 1:4). Tal transformação, que prepara o crente para o eterno reino de Deus, é operada por viva fé em Cristo e por negação própria em segui-Lo enquanto vivemos. Em todas as ocasiões, contudo, confessamos que "pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé" (Gál.5:5), a final "adoção de filhos, a redenção do nosso corpo" (Rom. 8:23).

As mais refinadas definições e distinções concernentes à justificação e santificação que os teólogos desenvolvam, jamais poderão plenamente apreender a viva realidade e unidade da obra redentora de Deus nos seres humanos. A vida é sempre mais rica e plena do que a melhor teoria. Ellen G. White advertiu-nos de que não tentássemos "definir minuciosamente os delicados pontos de distinção entre justificação e santificação" onde a Inspiração silencia (*The SDA Bible Commentary*, Comentários de Ellen G. White, sobre Rom. 3:24-28, p, 10/2).



### União com o Próprio Cristo

O ponto focal da salvação bíblica é à reflexão da luz do caráter de Deus no redimido, a manifestação do que Cristo tem feito pelos e nos seres humanos arrependidos. A igreja como o corpo de Cristo deve ser o sal da Terra e a luz do mundo (Mat. 5:13-16). Essa bendita verdade não se torna uma realidade na igreja cristã caso a doutrina da justificação pela fé seja apenas compreendida intelectualmente, mas somente se o crente, pela fé, participar de uma união viva e pessoal com o próprio Cristo.

Uma vez que Cristo é indivisível Ele concede justificação e santificação e sabedoria numa unidade inseparável (I Cor. 1:30). O cerne da mensagem bíblica do evangelho é, portanto, crer em Cristo, estar em Cristo, seguir a Cristo, e na contemplação dEle ser transformado mediante o Espírito à sua semelhança de caráter.

A distinção das funções da justificação e santificação, da lei e do evangelho, é bíblica, mas não sua separação e contradição. Há uma indissolúvel união da lei e do evangelho, da justificação e santificação sem confusão das duas. Assim o cristão confiará exclusivamente na justiça de Cristo para sua salvação presente e futura, enquanto seu caráter é diariamente mais reformado segundo a divina similitude em Jesus Cristo, o Homem perfeitamente obediente (II Cor. 3:18). Tornando-se mais e mais transformado em caráter mediante um caminhar mais próximo com Cristo, o Santo, o cristão ao mesmo tempo sentirá mais e mais a indignidade e pecaminosidade em si própria segundo o Espírito Santo aja em seu coração e lhe conceda uma visão mais clara de si mesmo e de Cristo (Salmo 139:23, 24; Rom.7:14-25).

Assim o cristão está aprendendo a controlar suas paixões egoístas mais e mais num mundo de licenciosidade. Contemplando diariamente a Cristo mediante a meditação sobre Jesus nos evangelhos do Novo Testamento, ele sente mais e mais o caráter ofensivo do pecado perante Deus. Mas mediante a união de sua alma com Cristo, à semelhança de um ramo à videira, ele cresce na graça e torna-se um vencedor. Ele é libertado do pecado (ver Rom. 6:18, 22) de modo a que sua vida possa tornar-se "uma série de ininterruptas vitórias, que aqui não pareceriam sê-lo, mas reconhecidas como tais no grande porvir" (*DTN*, 679). Assim, tudo devemos à livre graça de Deus (Efés. 2:1-10).

"A graça do concerto é que prescreveu nossa adoção. A graça do Salvador efetua nossa redenção, regeneração e exaltação a co-herdeiros de Cristo. Que esta graça seja revelada a outros" (*PJ*, 250).

## BIBLIOGRAFIA

### **I. Dogma-Historical Works:** (R) signifies; On Reserve.

- Baur, J. Salus Christiana. Die Rechtfertigungalehre in der Geschichte des christlichen Heilsverständnisses. Gütersloh:Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1968. (BT 764.2 B3B)
- Carlson, c. P. Justification in Earlier Medieval Theology. The Hague: M. Nijhoff, 1975. (BT 764.2 CA7)
- Dantine, W. "The Doctrine of Justification in Present-Day Evangelical Systematic Theology," in *EvTh* (1963) No. 5, pp. 245-265.
- Gonzalez, J. L. A History of Christian Thought. Vol. III (1975) Abingdon Press, Nashville. (On Trent and Protestantism).
- Harnack, A History of Dogma. Vols. I-VII. Dover Publ. Inc., New York. 1961. (ET from 3d German ed.).
- Kinder, E. "A Survey of the History of the Doctrine of Justification since the Reformation," in *ROG*<sup>3</sup> V:834-840 (in German).
- LaRondelle, H. K. "Paxton and the Reformers," in Spectrum, Vol. 9, N° 3 (1978), 45-57.

- Loofs, F.                    Leitfaden zum Studien der Dogmengeschichte. 1 und 2 Teil. Herausgegeben von K. Aland Tübingen, 1959.
- Oberman, H. A.    The Harvest of Medieval Theology. Gabriel Biel and Late Medieval Nominalism. Chapter VI, "The Process of Justification" (pp. 146-185). Cambridge, Mass., 1963.
- Seeberg, R.            Textbook of the History of Doctrines (ET 2 vols. in one) Baker 800k House, Grand Rapids, 1966.

## **II. Creeds of the Churches:**

- Lutheran            The Book of Concord. Tire Confessions of the Evangelical Lutheran Church. Translated and edited by Th. G. Tappert. Fortress Press, Philadelphia, 1959.
- Reformed            Reformed Confessions of the 16th Century. Edited, with historical introduction by A. C. Cochrane. The Westminster Press, Philadelphia, 1966. (Includes The Heidelberg Catechism, 1563).
- Roman Catholic    Enchiridion Symbolorum. Definitionum et Declarationum de rebus Fidei et Morum. H. Denzinger A. Schönmetzer. Editio XXXIV. Herder, 1963. The English translation The Sources of Catholic Dogma. St. Louis, 1957 is from the 30<sup>th</sup> edition.
- Selections in:      Creeds of the Churches. Revised by J. H. Leith. anchor Books, New York, 1977.  
Documents of the Christian Church. Edited by H. Bettenson. London and New York, 1966.

## **III. Systematic Theological Works:**

### **A. Classics**

- Aquinas, Thomas    Suma Theologica, I-II, pp. 109-114, "Treatise on Grace" (c. 1270). In Vol. I. Edition Benzinger Brothers, Inc., 1947.
- Augustine            On the Spirit and the Letter (A. D. 412). In Library of Christian Classics, vol. VIII.
- (R) Calvin            Institutes of the Christian Religion, Book III, Chapters 11-18 (1559) in Library of Christian Classics, Vol. R. Westminster Press, Philadelphia
- (R) Chemnitz, Martin Examination of the Council of Trent. Concordia Publ. House, 1971. Part L, pp. 455-663.
- (R) Council of Trent "Canons and Decrees Concerning Justification," Session VI (1546), in Denzinger, The Sources of Catholic Dogma (1957). or in Canons and

- Decrees of the Council of Trent. Original text with ET by H. J. Schroeder, O. P. (1941) pp. 29-50. (270.6 T795)
- (R) Luther Lectures on Romans, on 3, 1-5; 4, 1-7. (1515/16) Library of Christian Classics, Vol. XV. Lectures on Galatians (1535), "The Argument" and on 2, 15-21. In "Luther's Works" Vol. 26. Concordia Publishing House, St. Louis, 1963.
- (R) Melancthon "Apology for the Augsburg Confession," (1531) in The Book of Concord, Fortress Press, Philadelphia 1959, pp. 107-168.
- Ritschl, A. B. The Christian Doctrine of Justification and Reconciliation, Chapters 1-3 (German, 1870-74). Clifton, New Jersey, ET 1966, pp. 27-192. (BT 764 .825).
- Schleiermacher, F. The Christian Faith, secs. 106-112 (German, 1821), Edinburgh, ET 1948, pp. 476-524. (230 S341).
- (R) Wesley, John Sermons on Several Occasions, Sermon V, "Justification by Faith" (1746). Sermon VI, "The Righteousness of Faith" (1742). Sermon XIII, "On Sin in Believers" (1763) in Forty-Four Sermons, London, The Epworth Press, 1964 (repr. of 1944 ff.). or Wesley's Works, Vol. V (1831, ed.) or Standard Sermons, Vols. I-II (1955-56).

B. Modern Treatises (Protestant and Roman Catholic on Righteousness and Justification)

- See Articles in RGG (3rd ed.); Encyclopedia of Biblical Theology (J. B. Bauer, ed.; London: Sheed and Ward, 1970). BS 440.843;
- Banstra, A. J. "Law and Gospel in Calvin and in Paul", in Exploring the Heritage of John Calvin D. E. Holverda, ed. Baker, 1976; pp. ii-39.
- (R) Barth, K. Church Dogmatics, Vol. IV, 1, sec. 6i (ET1956), pp. 514-642; vol. IV, 2, sec. 66 (ET1958), pp. 499-613.
- Bavinck, H. Gereformeerde Dogmatiek, Deel III, Kampen, 1929, Hst, VIII, pp. 482-604, Deel IV, pp. 1-257 (Dutch).
- (R) Berkouwer, G. C. Faith and Justification. Eerdmans, ET 1954. Faith and Sanctification. ET 1952. Sin. ET 1971, Chapters 8-9. Verdienste of Genade? Kanpen, 1958.
- Brunner, E. Dogmatics, Vol. III, Chapters 10-22, Philadelphia (ET 1962), pp. 134-313.
- Cannon, W. R. "John Wesley's Doctrine of Sanctification and Perfection," MOR XXXV (1961), 91-95.

- Conant, J. E. Every-Member Evangelism, Harper, N.Y., 1922  
Part III (pp. 120-83).
- (R) Cranfield, C. E. B. "St. Paul and the Law," Scottish Journal of Theology (1964), 53-61.
- Diekamp, F. (ed. K. Jussen), Katholische Dogmatik nach den Grundsätzen des hl. Thomas. Bd. II, sec. 22-28: "Die Rechtfertigung des Sunders."
- Fiolet, H. A. Ecumenical Breakthrough. An Integration of the Catholic and the Reformed Faith. Duquesne Studies. Theol. Series G., Pittsburgh, 1969, Chapter V, "Grace as Solidarity with Christ." (A Dutch RC with advanced ecumenical ideas).
- Hodge, Ch. Systematic Theology, 1871/72; Eerdmans, 1952, Vol. III, Chapters XVII-XVIII.
- (R) Joest, W. "The Doctrine of Justification of the Council of Trent," Lutheran World IX (1962), 204-18.
- Kohlbrügge, H. P. Das siebte Kapitel des Römerbriefes (1839). (BS 2665 .K65) Neukirchen, 1960 (repr.) "Biblische Studien" 28.
- Köng, H. Justification, The Doctrine of Karl Barth and a Catholic Reflection. New York, 1964 (German, 1957), part Two.  
"Katholische Besinnung auf Luthers Rechtfertigungslehre heute," in Theologie im Wandel. Festschrift'Univ. Iubingen. Munchet und Freiburg i/Br 1967, pp. 449-68.
- Ladd, G. E. A Theology of the New Testament (Eerdmans, 1974), pp. 495 - 510: "The Law".
- Lutheran World Federation Justification Today. Study Report of Lutheran Assembly of Lutheran World Federation in Helsinki 1963. (BT 764.2 L87).
- Moule, H. C. G. "Justification by Faith," in The Fundamentals Vol. LI, pp. 106-19.
- Niebuhr, R. The Nature and Destiny of Man, Vol. II, Chapters 4-5, (1939), New York, 1964. (BT 701 .N52 v 2).
- (R) Oberman, H. A. "The Tridentine Decree on Justification in the Light of Late Medieval Theology," JThCh 3 (1967), 28-54. (BR 1 J58 v 3).
- Ott, L. Fundamentals of Catholic Dogma (from German) St. Louis, 1964 (6th ed.), pp. 250-269: "Habitual Grace."
- (R) Rahner, K. "Justified and Sinner at the Same Time," in Theological Investigations, VI (1969), pp. 218-30. (The new Roman Catholic position).

- Ridderbos, E. Paul: An Outline of His Theology (Eerdmans, 1975), pp. 130-58; 278-88. On Paul's Understanding of the Law.
- Robinson, W. Childs "The Law of God. The Touchstone of a Calvinistic Ethics," in Proceedings of the Calvinistic Congress. Edinburgh, 1938, pp. 41-57.
- Scheeben, M. J. Handbuch der Katholischen Dogmatik. VI Gnadenelehre, Friburg, 1957.
- Schmaus, M. Katholische Dogmatik. Bd. III, 2; secs. 206-207, 211, 217, 221.. Munchen, 1956.
- Strong, A. Systematic Theology. 3 vols. in one. 1953. "Justification," pp. 849-68; "Sanctification," pp. 869-81. Philadelphia,
- Tillich, P. Systematic Theology, Vol. III, pt. LV, sec. III-A-3 (1963). In three volumes in one. The University of Chicago Press, 1967, Vol. III, pp. 217-43. The Courage to Be. New Haven, 1961.
- Vischer, W. "The Significance of the Old Testament for the Christian Life," in Proceedings of the Calvinistic Congress. Edinburgh, 1938, pp. 237-57.
- Weber, O. GrundLagen der Dogmatik, Band I, Neukirchen-Vluyn, 1964 (3d. ed.), PP. 473-84. Band II, (1962), pp. 292-456.

### C. Seventh-day Adventist Treatises

- Daniells, A. G. Christ Our Righteousness – A Study of the Principles Righteousness by Faith as Set Forth in the Word of God and the Writings of the Spirit of Prophecy. Washington, D-C- 1926.
- (R) In Our Firm Foundation, A Report of the SDA Bible Conference held September 1-13, 1952, in Takoma Park, Maryland.  
Vol. 1 (1953) W. G. C. Murdoch: "The Gospel In Type and Antitype" (pp. 299-356).  
E. Heppenstall: "The Covenant and the Law" (pp. 435-92).  
Vol. II (1953) W. H. Branson: "The Lord Our Righteousness" (pp. 573-618).
- Froom, L. Movement of Destiny. Washington, D-c- 1971. chapters 23, 27, 28, 33, 36.  
"Relation of Works to Salvation," in Ministry, May 1946, 3-6.
- Heppenstall, E. "Law and Covenant at Sinai," in AUSS II (1969), 18-26.  
"The Law in Adventist Theology and Christian Experience," in Doctrinal Discussion G. C. Min.

- Assn., Review and Herald, 1961, Chapter I.  
Our High Priest. Review and Herald 1972.
- LaRondelle, H. K. Righteousness by Faith. Seminary Lectures. AU 1967  
Perfection and Perfectionism (On Biblical  
 Perfection and its deviations in Church History),  
 Berrien Springs, 1979 (3d ed.). (AU Mon., Vol. III).  
 On John Wesley's Perfectionism, pp. 309-325.  
 "The Everlasting Gospel and Righteousness by  
 Faith," in Notebook of the North American Division  
 Bible Conferences. (C. Hyde, ed. RH, 1975).  
Christ Our Salvation. Pacific Press, 1980.  
Cristo Nuestra Salvación (Spanish ed. First  
 impressions: Berrien Springs, MI, 1981. (order via  
 H. LaRondelle, Andrews University)  
 "The Crucial Significance of the Cross"; "The  
 Efficacy of the Cross"; "The All-sufficiency of the  
 Cross"; articles in the Adventist Review, June 10, 17  
 and 24, 1982.
- (R) Pease, N. F. By Faith Alone. Pacific Press, 1962, Chapter III,  
 "The seventh-day Adventist Interpretation of the  
 Doctrine of Justification by Faith" (pp. 107-222).

#### D. Polemical Works

- Branson, W. H. In Defense of the Faith – A Reply to Canright.  
 Washington, D.C., 1933.
- Nichol, F. D. Answers to Objections. Washington, D.C., 1952.  
Seventh-day Adventists Answer Questions on  
 Doctrine, General Conference, Washington, D.C,  
 1957. (see Chapter IV, "On the Law and Legalism").
- (R) Doctrinal Discussions. contributors: E. Heppenstall,  
 et al. Prepared by Ministerial Assn., General  
 Conference, Washington, D.C., 1961.

#### IV. Linguistic and Theological Studies on Righteousness and Justification

see: Arndt and Gingrich Creek-English Lexicon; and Colin Brown,  
 ed., New International Dictionary of New Testament Theology (3 vols.)

- Crawford, J. I. Connotations of the Greek Word 'Pistis' and  
 Righteousness by Faith. SDA Thesis, 1949 (C899).
- Dodd, C. H. The Bible and the Greeks. London: Hodder and  
 Stoughton, 1958; chapter III, "Righteousness, Mercy  
 and Truth" (pp. 42-75). BS 1185 .D6
- Hill, D. Creek Words and Hebrew Meanings: Studies in the

- Semantics of Soteriological Terms, Cambridge: The University Press, 1967, Chapter II (on hilaskesthai); Chapter III (on lytron); Chapter IV (on dikaiosynê). PA 873 S4HS
- Justesen, J. P. "The Meaning of ἵλασις," in AUSS II (1964), 53-61.
- Kittel Two sections. Kittel's Theological Dictionary of the New Testament, Vol. II, pp. 178-225 (s.v. dikaios, etc.) by G. Schrenk (ET1963). Vol. IV, pp. 1036-1097 (s.v. nomos B/D), by W. Guthrod (ET 1967).
- Olley, J. W. 'Righteousness' in the Septuagint of Isaiah: A Contextual Study. SBL Scholars Press, 1979.
- Read, W. L. "Further Observations on ἵλασις," AUSS IV (1966) 29-36.
- Robeck, Jr. C. M. "What is the Meaning of Hilasterion in Romans 3:25?" St. Bib et Theol 4 (1974) 21-36.
- Snaith, N. The Distinctive Ideas of the Old Testament. London, 1957; pp. 51-78; 161-173.
- Ziesler, J. A. The Meaning of Righteousness in Paul. A Linguistic and Theol. Inquiry. (At Oakland University Library) Cambridge, 1972.

#### **V. Standard Collections of Primary Sources:**

- Arminius, James The Writings of James Arminius (1560-1609), Vols. I-III, Baker, 1956.
- Calvin, John Tracts and Treatises in Defense ad the Reformed Faith, Vols. I-III, Eerdmans, 1958.
- Luther, Martin Luthers Werke. Kritische Gesamtausgabe. Weimar 1833ff.  
Corpus Reformatorum Ioannis Calvini. Editora G. Baum and others, 1863ff.
- Luther and Erasmus Freewill and Salvation. LCC, Vol. XVII. (De Libero Arbitrio; De Serro Arbitrio).
- Pelagius Pelagius. Expositions of Thirteen Epistles of Paul. In Texts and Studies, IX (3 vols.) Ed. J. A. Robinson. Publ. by A. Souter, 1922-31.
- Qumran Sect Qumran und das Neue Testament. Bd. I-II. H. Braun. Tubingen, 1966.
- Strack-Billerbeck Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrash, Bd. I-IV, Munchen 1922-28, by H. L. Strack and P. Billerbeck.
- Talmud, B. The Babylonian Talmud. Ed. by Rabbi Dr. I Epstein. Vols. I-XXXIV. London, The Soncino Press, 1948.



- Wesley, John      The Works of the Rev. John Wesley. Vols. I-XIV  
London, 1831.  
Wesley's Standard Sermons. Vols. I-II. Ed. E. H.  
Sugden, London, 1955-56.

#### **VI. SDA – Theses in James White Library:**

- Miller, D. H.      Righteousness by Faith as a Motivating Factor in the  
Public Address on Charles Fitch. (1950) (M 617).
- Pease, N. F.      Justification and Righteousness by Faith in the Seventh-day  
Adventist Church Before 1900. (1945) (P 363).
- Steinweg, B. W.      Developments in the Teaching of Justification and  
Righteousness by Faith in the Seventh-day Adventist  
Church After 1900. (1918) (S 823)
- Crawford, J. I.      The Connotations of the Creek Word 'Pistis' and Their  
Influence on the Doctrine of Righteousness by Faith.
- Kingsfield, R. M.      An Investigation of Martin Luther's Basic Concept  
of the Relationship Between Law and Justification.  
(1952) (K 551) (Chapter VI)
- Carley, C. M.      A Rhetorical Study of Selected Sermons of Ellen G.  
White on Righteousness by Faith. (1954) (c 281)
- Guy, F.              An Interpretation of the Concept of Conversion in the  
Published Writings of Ellen G. White. (1955) (C 986)
- Rideout, R. B.      What did Hagiazain ("Sanctification") Mean to the  
Authors of the New Testament? (1959).
- Short, D. K.      The Cleansing of the Sanctuary. (1958).
- White, E. G.      Acts of the Apostles. (1911).  
Christ's Object Lessons (1900). pp. 390-404.  
Desire of Ages (1898). Chapters 17, 31, 57.  
Evangelism (compilation, 1946). pp. 184-193.  
Selected Messages. Vol. I, Chapters 30-32; 54-63 (1958).  
Steps to Christ (1892). Chapters 2-3.  
Thoughts from the Mount of Blessing. (1896).  
On Righteousness by Faith in Christ, 1 SM 359-398.  
Sermons at Minneapolis: in Through Crisis to Victory, by  
A. V. Olson, Washington, D.C. 937, Appendix A. pp. 252-302.  
The Sanctified Life. Washington, D.C. 1937.  
(Compilation of arts. In R & H of 1881)  
Faith and Works